

**Universidade Estadual Paulista
“Julio de Mesquita Filho” – UNESP
Curso de Pedagogia**

LARYSSA APARECIDA FERREIRA BARBOSA

**PROJETO GENTE LEGAL: SENSIBILIZAÇÃO ARTÍSTICA PARA
EDUCADORES EM BAURU**

BAURU

2017

**Universidade Estadual Paulista
“Julio de Mesquita Filho” – UNESP
Curso de Pedagogia**

LARYSSA APARECIDA FERREIRA BARBOSA

**PROJETO GENTE LEGAL: SENSIBILIZAÇÃO ARTÍSTICA PARA
EDUCADORES EM BAURU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho

BAURU

2017

Barbosa, Laryssa Aparecida Ferreira.
Projeto Gente Legal: sensibilização artística
para educadores em Bauru / Laryssa Aparecida
Ferreira Barbosa, 2017

84 f.

Orientador: Macioniro Celeste Filho

Monografia (Graduação)-Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru,
2017

1. Teatro. 2. Consciência. 3. Formação de
professores. I. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Ciências. II. Título.

Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho – Orientador – Faculdade de Ciências UNESP-Bauru

Prof.ª Dr.ª Fernanda Rossi – Faculdade de Ciências UNESP-Bauru

Prof.ª Dr.ª Maria do Carmo Monteiro Kobayashi – Faculdade de Ciências UNESP-Bauru

Agradecimentos

Agradeço a Deus por minha vida, por me colocar perto de pessoas generosas. A minha família e ao Jarbas por estarem junto comigo!

Agradeço ao Grupo Ato, Elisabete Benetti e Carlos Batista, minhas referências de generosidade. Gratidão por compartilhar a arte! A Bete por ser uma inspiração na minha caminhada, por ser a responsável por encorajar minha própria descoberta. Gratidão por acreditarem na beleza, na bondade, no sonho!

Agradeço imensamente ao professor doutor Macioniro Celeste Filho, por tamanha confiança, sensibilidade e honestidade. Gratidão por acolher minha escolha, por me apoiar com liberdade e seriedade, tê-lo em meu caminho facilitou a caminhada, tornou possível arriscar, me lançar com verdade nessa pesquisa. Sua postura permitiu que eu pudesse de fato envolver-me e dar continuidade no projeto em prática

Agradeço também a professora doutora Maria do Carmo Kobayashi por permitir de maneira generosa, o acesso em sua biblioteca pessoal. Seu gesto contribuiu para a ampliação e concretização deste projeto.

Agradeço a professora Fernanda Rossi por estimular o movimento, a brincadeira na sala de aula, por permitir a partilha de experiências e sentimentos.

Resumo

O projeto aqui apresentado investiga como o acesso à experiência artística possibilita transformações no ser e desperta sensibilidade de educadores para uma educação amorosa. O estudo foi feito a partir do projeto Gente Legal desenvolvido em Bauru, idealizado e coordenado por um grupo de teatro da mesma cidade, o Grupo Ato. Através de encontros freqüentes alinhado com o teatro, eixo principal, o projeto tem um caráter de partilha entre educadores e alinhamentos artísticos, encorajando assim o educador a acessar sua essência criativa e espontânea, libertando-se do medo da desaprovação e alinhando para sua prática de maneira mais consciente, empoderada de sentido e socialmente ativa. Educar através do artístico, humanizando o processo de educação. O estudo foi realizado a partir de dados históricos do projeto, entrevistas dos participantes, fundamentação teórica e análise de dados.

Palavras-chave: Teatro. Consciência. Formação de professores.

Abstract

The project presented here investigates how the access to artistic experience enables transformations in the being and awakens the sensitivity of educators to a loving education. The study was made from the Legal People project developed in Bauru, idealized and coordinated by a theater group from the same city, Group Ato. Through frequent encounters aligned with theater, the main axis, the project has a character of sharing between educators and artistic alignments, thus encouraging the educator to access his creative and spontaneous essence, freeing himself from the fear of disapproval and aligning to his practice of Conscious, empowered and socially active. Educate through the artistic, humanizing the process of education. The study was based on historical data of the project, interviews of the participants, theoretical basis and data analysis

Keywords: Theater. Consciousness. Teacher training.

Sumário

1 – Introdução	9
2 – Primeiro Contato	16
3 – Projeto Gente Legal: Compartilhando experiências artísticas	25
4 – A arte para além do palco	40
5 – A contribuição dos educadores participantes do projeto	51
6 – Análise dos dados pesquisados	70
7 – Considerações finais	77
Referências	80

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como foco compreender através do projeto Gente Legal, como a sensibilidade artística pode tornar o educador mais afetoso, sua prática mais prazerosa e consciente. Como é possível integrar o movimento artístico no cotidiano educacional, não apenas como linguagem técnica, mas como possibilidade de fortalecimento de vínculo e ampliação de mundo.

. Em Bauru, é desenvolvido um projeto de partilha de experiências e sensibilização artística entre educadores, esses profissionais vivenciam a arte através do entendimento do teatro. Tal movimento artístico tem propiciado reflexões e encorajado o educador a novas práticas na atuação.

A aproximação ao universo artístico independe da origem ou vocação (SPOLIN, 1963). O projeto Gente Legal, desenvolvido pelo Grupo Ato de teatro, sustenta essa tese e revela a partir da prática, que a arte não deve estar apenas ao alcance, mas a disposição de todos, tornando o realizar artístico possível, organizado e acolhedor.

Durante todo o trabalho será mencionado o Grupo Ato, porém podemos entender da seguinte forma, Grupo Ato = Elisabete Benetti e Carlos Batista, pois são essas duas pessoas que fundaram e que fazem o movimento acontecer, Grupo Ato é como um nome fantasia. Elisabete Benetti e Carlos Batista chegaram a Bauru há mais de 25 anos, com a filha do casal, buscando melhor qualidade de vida e a partir desse momento iniciaram um movimento artístico por meio do teatro. Desde então muitas pessoas passaram pelo Grupo, muitos colaboradores, mais de 90 pessoas, porém os membros fixos do grupo são Elisabete Benetti (atriz e diretora de elenco) e Carlos Batista (direção geral, iluminação, sonoplastia, cenário e textos).

Muitos entendimentos citados no trabalho foram inspirados pela convivência com essas duas pessoas. Vários conceitos abordados no estudo para descrever o projeto Gente Legal são de Elisabete Benetti, que oportunizou a pesquisa através da sua disponibilidade e seriedade ao acompanhar e orientar todo o processo. Portanto cada vez que estiver escrito Grupo Ato, é necessário compreender que sim, muitos passaram pelo Grupo, mas estamos falando de Elisabete Benetti e Carlos Batista.

O projeto Gente Legal teve início há oito anos, no momento em que Elisabete Benetti, movida por uma inquietação, sentiu a necessidade de justificar seu trabalho de maneira que muitos questionamentos surgiram. Por que estamos fazendo isso? Qual a verdadeira contribuição do teatro na vida das crianças? Qual impacto tal vivência tinha na vida desse ser? É mais uma forma de aguçar a vaidade humana? Essa experiência é necessária, ou era apenas mais uma maneira de distrair as crianças e distanciá-las delas mesmas?

Esses questionamentos passaram a nortear uma investigação por uma resposta que justificasse a ida das crianças ao teatro. A constatação foi à seguinte: a criança se permite viver a história verdadeiramente, mantém as personagens em sua memória, guardam em seu coração detalhes minuciosos como objetos do cenário, figurinos, efeitos, falas, trama e música. Tudo intacto, como se fosse mais do que lembranças de um bom momento, mas sim, um reconhecimento.

Segundo Elisabete Benetti, essa experiência vivenciada pelas crianças provoca um sentimento de empatia, de maneira que tudo permanecesse dentro delas em um lugar sagrado, indestrutível, vivo! Os contos, as histórias, fortalecem emocionalmente a criança, elas se identificam com o drama vivido pelas personagens e sentem que não estão sozinhas. Ao nos aproximarmos da dor a compreendemos melhor, a criança desenvolve sua inteligência emocional quando se envolve com as histórias.

Diante dessa confirmação, o Grupo Ato então percebeu que independente do ambiente em que a criança vive, existe uma essência artística que a permite entregar-se a esse momento. Essa capacidade criadora é inerente ao homem, mas perde força pela “falta de uso”. Então, por que o educador não se beneficia desse bem? Por que os profissionais que atuam junto a essa criança se distanciam das suas capacidades artísticas, criadora? Onde tudo isso vai parar quando nos tornamos adultos? Ou melhor, onde vai parar não, já parou! Ficamos estagnados!

O adulto não consegue acessar essa essência artística, criativa e espontânea tão facilmente como a criança, portanto não permite que a criança assim faça, muitas vezes de maneira inconsciente, o educador não sabe como, falta-lhe consciência e coragem.

Elisabete Benetti afirma que não há percepção do espaço que todos têm dentro de si para a espontaneidade, para a criação. Há espaço em todos, mas cada um leva um tempo para se perceber, o artístico aproxima o indivíduo dele mesmo, dos seus conflitos, seus dramas, seus sentimentos e o obriga a mudar. Esse estado de consciência gera incômodo, insatisfação e coloca o sujeito diante de escolhas que exige uma nova postura.

Tal fato impulsionou um trabalho focado no educador, se esse profissional não se sente acolhido, percebido, dificilmente conseguirá acolher a criança, o educador precisa “ser cuidado”. O primeiro movimento foi em busca por compreender porque o adulto se distanciou da sua própria criança? Por que a imaginação, a brincadeira, a leveza perde força no decorrer da vida? E como resgatar a sensibilidade desse educador, para que ele se perceba?

O Grupo Ato então passou a promover encontros com educadores, onde esse educador era instigado a partilhar suas vivências e experimentar a arte através do teatro, com o objetivo de sensibilização humana, assim nasce o projeto Gente Legal. Essa vivência detectou um cenário solitário enfrentado por esses educadores, as práticas cotidianas eram enrijecidas e exaustivas. Entretanto já se percebiam, sentiam a grandeza em ser educador e careciam de apoio e encorajamento.

Portanto, a questão que alinhou todo o estudo foi compreender através do projeto Gente Legal, como a sensibilidade artística pode tornar o educador mais afetivo, sua prática mais prazerosa e consciente. Como é possível integrar o movimento artístico no cotidiano educacional, não apenas como linguagem técnica, mas como possibilidade de fortalecimento de vínculo e ampliação de mundo.

O modelo educacional do qual estamos inseridos, nos formata para nos acostumarmos com um padrão passivo, mecânico e descontínuo de educação. Na escola, entendemos precocemente que a curiosidade incomoda e recebemos a orientação que “perguntar demais atrapalha”. Somos “gentilmente” educados, em um sistema de adestramento para conter nossas emoções, curiosidades e expressões corporais. Devemos nos calar.

Muitos são os estudos que constata a urgência em converter esse sistema, há inúmeras pesquisas que apontam caminhos para a superação dessa estrutura ineficiente. A rotina escolar, as obrigações burocráticas e o excessivo trabalho conteudista, distanciam o educador do mais importante, da responsabilidade que ele tem na construção da autonomia da criança.

Poupemo-nos da posição de julgadores e analisemos os fatos: o educador faz como sabe fazer, como aprendeu, reproduz e insere o aluno em um ciclo do qual ele mesmo faz parte desde criança. Não somos preparados para acolher a curiosidade, as inquietações, os conflitos, por isso os evitamos. Reprimimos as dúvidas e argumentos que fogem do nosso campo de conhecimento pela insegurança de nos mostrarmos vulneráveis diante do aluno. Não sabemos lidar com a dor então fingimos que ela não existe.

Elisabete Benetti faz um trabalho de idealização do projeto a cada ano, projetando assim o que sente como ideal e possível baseada em sua experiência, em autores do teatro e na vivência experimentada a cada ano pelos participantes. A partir desses entendimentos Elisabete planeja alinhada a um estímulo maior, um tema, ou como é usado no teatro, um super objetivo que norteia as ações do projeto.

A palavra idealizar tem como definição projetar ou projetar-se de modo ideal, imaginar, um modelo. Nesse sentido Elisabete afirma que idealizar algo com esse entendimento está ligado a arte, a criação, a criatividade, algo muitas vezes distante da formação do professor, segundo ela esse frescor tem que fazer parte da formação, do cotidiano educacional, da vida. Essa essência motivadora é um dos eixos do projeto Gente Legal.

Desde o início do projeto, em 2009, todos os anos é feito uma análise do que foi vivenciado pelos educadores, uma avaliação. A partir dessa avaliação, Elisabete identifica qual a necessidade maior, o aspecto humano a ser trabalhado na próxima etapa como continuidade, a partir daí estrutura um planejamento partindo do estímulo artístico. A coordenação do desenvolvimento dessa estrutura é feito por Elisabete Benetti juntamente com Carlos Batista.

Elisabete amplia o entendimento em relação à idealização e planejamento do projeto, focado sempre nos aspectos humanos, quando afirma que a vida não é apenas racional, mas fundamentalmente emocional e a arte se destaca como importante instrumento para compreensão e organização de nossas ações, levando ao autoconhecimento.

Não se trata de aula de teatro o intuito do projeto não é formação de atores, é fazer teatro, vivenciar. Não se trata de uma linguagem artística, o teatro nesse caso é usado como metodologia para sensibilizar, para estimular a criatividade, a espontaneidade, não é um curso de desenvolvimento de técnicas teatrais, mas o uso dos conceitos e jogos teatrais como um meio para desenvolvimento da capacidade artística que é inerente ao homem. O teatro é usado para aproximar o belo da rotina, a beleza que está sufocada pela falta de tempo e olhar, traz a consciência para escolha no dia a dia, é um impulso para essa expressão, que pode inclusive despertar o desejo por linguagens artísticas. Aproxima dos sentimentos e não dos conceitos lógicos, racionais.

Os educadores são instigados a conectar com sua capacidade de criar, de ouvir e de permitir-se enquanto ser artístico são propostas desse movimento. Essa aproximação com o

teatro possibilita a desmistificação da arte que desagrega e apresenta a arte integradora, possível e transformadora.

O objetivo desse trabalho foi compreender através do projeto Gente Legal, como a sensibilidade artística pode tornar o educador mais afetuoso, sua prática mais prazerosa e consciente. Como é possível integrar o movimento artístico no cotidiano educacional, não apenas como linguagem técnica, mas como possibilidade de fortalecimento de vínculo e ampliação de mundo.

Esse movimento busca resgatar a sensibilidade do educador, sensibilidade essa que vai além da emoção, mas chega como um impulso para novas ações. Viviane Mosé em seu poema “Receita para lavar palavra suja”, qualifica algumas palavras e sugere a limpeza de palavras sujas, palavras que estão encardidas pelo uso, ou melhor, pelo mau uso, algumas destas são usadas neste trabalho, por isso a prudência em citá-lo.

A idéia não é resignificar as palavras, mas trazer seu sentido original. O trabalho aqui desenvolvido buscou o emprego de palavras que podem ser consideradas puras, ingênuas demais e se encaradas desta maneira equivocada, elas perdem a força original, o sentido. Assim como a arte que perdeu o significado, há pouco entendimento do artístico que sensibiliza, que inspira, que desperta a essência humana, pelo contrário, há a supervalorização da arte enquanto técnica, linguagem específica, muitas vezes carregada de vaidades e superficialismo. O poema aqui apresentado tem então a função de alertar para o uso cuidadoso das palavras, respeitando seu sentido original.

RECEITA PARA LAVAR PALAVRA SUJA

Mergulhar a palavra suja em água sanitária. Depois de dois dias de molho, quarar ao sol do meio dia. Algumas palavras quando alvejadas ao sol adquirem consistência de certeza. Por exemplo, a palavra vida. Existem outras, e a palavra amor é uma delas, que está encardida pelo uso, o que recomenda esfregar e bater insistentemente na pedra, depois enxaguar em água corrente. São poucas as que resistem a esses cuidados, mas existem aquelas. Dizem que limão e sal tiram sujeira difícil, mas nada. Toda tentativa de lavar a piedade foi sempre em vão. Mas nunca vi palavra tão suja como perda. Perda e morte na medida em que são alvejadas soltam um líquido corrosivo, que atende pelo nome de amargura, que é capaz de esvaziar o vigor da língua. O aconselhado nesse caso é mantê-las sempre de molho em um amaciante de boa qualidade. Agora, se o que você quer é somente aliviar as palavras do uso diário, pode usar simplesmente sabão em pó e máquina de lavar. O perigo neste caso é misturar palavras que mancham no contato umas com as outras. Culpa, por exemplo, a culpa mancha tudo que encontra e deve ser sempre alvejada sozinha. Outra mistura pouco aconselhada é amizade e desejo, já que desejo, sendo uma palavra intensa, quase agressiva, pode o que não é inevitável, esgarçar a força delicada da palavra amizade. Já a palavra força cai bem em qualquer mistura. Outro cuidado importante é não lavar demais as palavras sob o risco de perderem o sentido. A sujeirinha

cotidiana, quando não é excessiva, produz uma oleosidade que dá vigor aos sons. Muito importante na arte de lavar palavras é saber reconhecer uma palavra limpa. Conviva com a palavra durante alguns dias. Deixe que se misture em seus gestos, que passeie pela expressão dos seus sentidos. À noite, permita que se deite, não a seu lado, mas sobre seu corpo. Enquanto você dorme, a palavra, plantada em sua carne, prolifera em toda sua possibilidade. Se puder suportar essa convivência até não mais perceber a presença dela, então você tem uma palavra limpa. Uma palavra limpa é uma palavra possível. (MOSÉ, 201, p.2)

Sensibilidade vai além do sentir, está no campo do afeto, afetar-se e afetar o outro, agir por algo que passou pelo coração, é um agir amoroso, um agir que sente e age respeitando o sentimento.

O projeto Gente Legal busca compreender e praticar uma educação afetiva e artística, real e possível, através dos entendimentos do teatro, colocando o educador como ator social do ambiente que está inserido e consciente de suas ações.

O foco desse trabalho foi compreender através do projeto Gente Legal, como a sensibilidade artística pode tornar o educador mais afetuoso, sua prática mais prazerosa e consciente. Como é possível integrar o movimento artístico no cotidiano educacional, não apenas como linguagem técnica, mas como possibilidade de fortalecimento de vínculo e ampliação de mundo.

A experiência proposta pelo grupo é baseada na arte que está intrinsecamente ligada a humanidade, ao resgate da sensibilidade humana capaz de gerar reflexões e mudanças de atitudes. Essa experiência desperta um compromisso maior com o ato de educar, esses profissionais se percebem protagonistas da sua própria história e atores fundamentais para transformar socialmente.

O contato com o entendimento do teatro, jogos teatrais e partilhas entre educadores de diferentes áreas, gera a auto-avaliação, a descoberta de habilidades, evidencia sentimentos sufocados durante a vida e também o encoraja para sair desse ciclo tendencioso que é a educação conteudista, desintegrada, triste. Essas vivências colocam o sujeito como principal responsável por iniciar um movimento de mudança.

Essa pesquisa propiciou a compreensão da arte como caminho para o despertar da alma humana, para que educadores pudessem experimentar e se descobrirem pessoas sensíveis, dotada de virtudes, despertando valores que são próprios do ser, mas que estão adormecidos, apagados só precisando de um acordo, no sentido de acordar, a cor dar, segundo Elisabete Benetti. Portanto foi proposta dessa pesquisa compreender através do projeto Gente Legal, como a sensibilidade artística pode tornar o educador mais afetuoso, sua prática mais

prazerosa e consciente. Como é possível integrar o movimento artístico no cotidiano educacional, não apenas como linguagem técnica, mas como possibilidade de fortalecimento de vínculo e ampliação de mundo.

Portanto, o Projeto Gente Legal é conduzido pela sensibilidade artística, pela conscientização da ação, trabalha para que o educador se perceba parte de um movimento que o encoraja, apóia e oferece subsídio para arriscar pequenas mudanças em sua prática, para que ele se permita fazer diferente. O projeto busca estar ao lado do educador como parceiro, sem a pretensão apontar caminhos prontos e infalíveis, mas servindo de suporte para que o educador encontre uma maneira possível para ele de experimentar algo novo em sua atuação.

Apresentaremos inicialmente um tópico esclarecendo de onde partiu o interesse pelo estudo do projeto, como foi o primeiro contato e o que instigou que o trabalho aqui desenvolvido fosse realizado a partir da investigação do projeto Gente Legal. Posteriormente foi desenvolvida a fundamentação teórica focada nos autores que dialogam com o tema. Em seguida foram apresentados os resultados a partir de entrevistas com os participantes e idealizadora do projeto Gente Legal seguida de uma análise de dados, abaixo as considerações finais, onde consta uma síntese de todo conteúdo do trabalho relacionados às percepções. Após as referências, onde está descrito todas as obras que contribuíram para fundamentação teórica da pesquisa, se encontram dois apêndices com os questionários aplicados nas entrevistas, concluindo assim a pesquisa.

2 – PRIMEIRO CONTATO

O primeiro contato com o projeto Gente Legal aconteceu em 2014 por meio de uma professora de artes da UNESP, a professora Márcia Vianna. Por conta de uma transferência de aula, fomos convidados para um encontro do projeto, que excepcionalmente aconteceria durante a semana à noite. Nem todos da turma foram, mas em média quinze alunos estiveram presentes, inclusive eu.

O mais marcante dessa experiência foi o acolhimento e proximidade com que fomos recebidos, ao chegar, nos deparamos com uma roda, uma flor no meio e a reflexão sobre algo que nos era muito familiar, educação. Entretanto havia algo diferente naquele lugar, aquela conversa estava próxima daquilo que ouvimos na faculdade, mas continha um olhar, uma atenção diferente de tudo que vivemos na academia.

A diferença estava no como, como tudo isso foi conduzido, como os depoimentos eram simples e se tratava de algo real, como aquela roda estava sendo cuidada. O como fez toda a diferença e tornou aquele espaço um lugar onde não havia certo ou errado, bonito ou feio, todos eram acolhidos e valorizados da mesma forma.

Foi como um reconhecimento, um encontro da vida, em meu coração um sentimento de gratidão, “finalmente encontrei essas pessoas”. Todos os comentários eram acolhidos da mesma forma. Na roda estavam educadores sociais, educadores da educação infantil, coordenadores, adolescentes, crianças e nós estudantes do curso de pedagogia.

Foi exigente assimilar os acontecimentos naquele momento, uma roda de conversa onde todos se colocavam a partir de suas experiências, onde todos os olhares estavam direcionados para a consciência das ações, dos sonhos, das dificuldades enfrentadas no cotidiano e no olhar para a criança. Independente da formação, do local de atuação, todos podiam falar sem medo de julgamentos, pois tudo que era dito era acolhido.

A formação acadêmica visa formar um aluno crítico e engajado politicamente, que seja capaz de questionar as injustiças sociais e que tenha um ideal político que norteie suas ações, porém esses alinhamentos, muitas vezes, são apresentados de maneira rígida e agressiva na universidade, aflorando no aluno a intolerância, o julgamento e o preconceito. Somos distanciados da simplicidade e passamos a acreditar que só o que é científico é verdadeiro. Menosprezamos o que não está nas referências e desvalemos a sabedoria popular, a experiência e as emoções.

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à assunção do educando em si mesmo. Nunca me esqueço, na história já longa de minha memória, de um desses gestos de professor que tive na adolescência remota. Gesto cuja significação mais profunda talvez tenha passado despercebida por ele, o professor e que teve importante influência sobre mim. (FREIRE, 2011, p. 43)

Ressalto aqui, a importância das exceções, não é um comportamento generalizado, mas que se apresenta com tamanha força que não nos percebendo sendo parte disso. O inconformismo é vital para a mudança, a indignação nos faz caminhar, nos faz humano, mas podemos encontrar caminhos menos rígidos e mais eficientes.

Uma das questões centrais com que temos de lidar é a formação de posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio da superação, no fundo, o nosso sonho (FREIRE, 2014, p.92)

O ato de rebelar-se não pode desvalorizar o humano, não pode nos fazer acabados em uma certeza, não pode nos distanciar da causa essencial. O primeiro encontro no projeto Gente Legal nos colocou a frente de um grupo que supera a rebeldia e luta com o que é possível, luta através da arte, ampliando a visão de mundo de jovens e educadores, fazendo política do dia a dia, aquela que nos coloca como principais agentes da mudança, aquela que valoriza a essência humana do indivíduo e não da massa. Segundo Elisabete Benetti, os espaços, instituições, salas de aula não tem alma, quem tem alma é o ser humano. Pois bem, aproveitaremos esse entendimento para afirmar, a massa não tem alma, quem tem alma é o indivíduo, a mudança acontece a partir daí.

Nesse mesmo dia tivemos a oportunidade de experimentar um jogo dramático, um exercício onde tínhamos que trabalhar a prontidão, a afetividade e a concentração, no final do jogo fizemos uma avaliação e mais uma vez foi surpreendente a maneira como isso aconteceu. A idéia não era partilhar o que estava certo ou errado, quem foi o culpado pelo erro ou quem foi o vencedor. Tínhamos que falar de nós mesmos com verdade, perceber onde o jogo foi agradável, onde foi desconfortável, qual foi o sentimento, enfim trazer consciência para a ação vivida.

Todas as percepções do jogo eram alinhadas com o nosso comportamento no dia a dia, a orientadora Elisabete Benetti fazia uma relação com a prática de maneira que o educador se percebesse portador de habilidades e limitações. Os jogos dramáticos têm a função de nos colocar mais conscientes em nossas ações, de nos perceber resolvendo a situações de jogo, os

problemas e refletir sobre as soluções buscadas, de modo que esse entendimento dialoga com a vida.

Deste primeiro contato ficou o acolhimento, a proximidade e a diversão. Fomos recebidos com alegria, não éramos vistos como intrusos curiosos, mas como oportunidade de partilha, como iguais. A proximidade estava na fala, no olhar, tudo que foi dito era possível de ser compreendido por todas as pessoas, com formação ou não, não era discurso feito, programado, mas uma conversa verdadeira, que passava antes pelo sentimento para não ser dita de qualquer jeito.

Infelizmente, no decorrer do curso quando vamos cumprir nossas horas de estágio transbordando curiosidade e empolgação, somos vistos como intrusos, há uma cultura de inferiorização do estagiário, sentimos que estamos atrapalhando e que nossa presença incomoda. Mais uma vez ressalto as exceções, porém não é comum o movimento da partilha, nas escolas, os professores não nos dizem tudo que sabe, as dicas, os caminhos, há um medo em dividir o conhecimento, o clima de concorrência é constante.

É uma frustrante vivenciar esse momento desse jeito, um momento que poderíamos aprender tanto, pois estamos finalmente na prática, também seria um momento de troca, onde o estagiário poderia contribuir com seu olhar, com o seu conhecimento. Mas esse movimento nem é cogitado, ou somos completamente ignorados ou somos sobrecarregados por tarefas “braçais”. É uma pena... Enfim.

Quando adultos passamos a acreditar que uma pessoa séria não brinca, não se diverte e os afazeres vão se limitando a cada dia, tornando a rotina sem brilho, sem vida, sem surpresas. Contrariando essa teoria e comprovando que a brincadeira, a dança circular a diversão transforma, fomos instigados a jogar, a experimentar e a sensação foi incrivelmente agradável, senti aquela ansiedade de criança que não vê a hora da próxima brincadeira começar. Todo o corpo estava envolvido na ação, a energia vital era sentida, nas mãos, nas pernas, na respiração, sem muita consciência a princípio. Brincar é assim. Tudo ali era educativo, mas de um jeito diferente.

Fomos convidados a olhar para o centro e perceber a flor, que representava a vida, sem falso moralismo, Elisabete Benetti explicou que a flor no meio da roda é para que a cada instante nos lembremos que a vida deve estar no centro nos orientando sobre o limite, sobre a beleza de sua forma, de sua cor, de suas pétalas. Um pequeno gesto, uma pequena flor, nos tira do automatismo e nos “obriga” a olhar para a vida.

Dançamos juntos uma dança circular que cumpre um papel fenomenal de integração e contato com a natureza. Dançar junto é mais exigente, quando dançamos sozinhos não nos ocupamos do outro, já na dança circular todos tem o mesmo objetivo, o que gera a descoberta de caminhos para conseguir dançar juntos. As soluções vão surgindo na própria dança, sendo na diminuição da velocidade, no olhar de compreensão, na dica com o corpo. A dança circular nos faz lembrar que não estamos sozinhos no mundo.

Nesse primeiro contato o sentimento foi de puro prazer, empolgação, não era do meu desejo que aquele momento chegasse ao fim. Minha sede estava sendo saciada e não quis que essa sensação tivesse fim naquela noite. E não teve...

Permaneci nesse movimento, voltei para aquela roda e nada do que havia sentido no primeiro encontro tinha sido apenas uma impressão, o acolhimento, a leveza e o comprometimento estavam presente em todos os encontros. Fui me descobrindo nesse movimento, não apenas como educadora que sou hoje, mas principalmente como ser humano. É nesse movimento que venho me encorajando, que venho me percebendo com posturas mais coerentes, mais alinhadas, é nesse lugar que tenho me conhecido.

O envolvimento com o projeto gerou muitas transformações em minha vida e nas pessoas que estão a minha volta, o primeiro movimento foi interno, um mergulho íntimo que foi muito exigente, olhar para dentro de si e se perceber equivocada, inadequada. Um olhar que provocou dor e exigiu mudança, exigiu verdade, não foi fácil. Pensei em me afastar, em desistir e continuar levando uma vida comum, mas sentia que se eu tomasse essa atitude estaria desistindo de mim mesma. E se eu, enquanto educadora desistisse de tentar ver a vida com outros olhos, tão pouco poderia possibilitar isso ao outro.

Nesses dois anos e meio que estou fazendo parte desse movimento, a jornada continua exigente, cada dia mais, mas hoje posso dizer que estou mais perto de mim mesma, buscado compreender meus sentimentos, conhecer minha origem e olhado para as minhas inseguranças e medos nos olhos, pois elas existem e disso ninguém está livre.

Quanto mais você reconhece que seu medo é consequência da tentativa de praticar seu sonho, mais você aprende a pôr seu sonho em prática (...) Essa compreensão do medo não é a única coisa que me diminui, mas me faz reconhecer que sou um ser humano. Esse reconhecimento chama minha atenção no sentido de estabelecer limites quando o medo me diz que *não* devo fazer isto ou aquilo. Está claro? Tenho que estabelecer os limites de meu medo. (FREIRE; SHOR, 1987, p.71)

Senti medo, sabia que se começasse a entrar em contato com alguns sentimentos desencadearia muitos outros e isso seria muito difícil, teria que olhar para os meus medos,

traumas, inseguranças que vinha disfarçando há anos, como a maioria das pessoas, como somos ensinados a fazer. Me escondia atrás “do falar bonito”, fazia questão de ser a mais engraçada da turma, para não precisar ser. Muitas vezes eu era o outro, para ser aceita. Ter que encarar a rejeição era demais para mim. Não desisti, fiquei, com medo, fragilizada ainda, reagindo fisicamente através de dores, mal estar e alguns momentos que chegou a perto a reações depressivas.

O tempo e o trabalho foram colocando tudo no lugar, as feridas que tinham sido abertas, já começavam a ser cuidadas e doía menos. Hoje posso dizer que essas dores me fizeram compreender muito de mim, encaro hoje a enfermidade como uma oportunidade de nos percebermos vivos, a dor nos ajuda não ficarmos adormecidos, não que seja agradável, mas há consciência. E a consciência gera um estado mais sutil de felicidade, algo mais constante e menos entusiasta.

O sentimento de pertencimento, esse fortalecimento interno, que cresce a cada dia, gerou em mim o desejo de compartilhar com outras pessoas essa experiência, me instigou a falar do que vivo, respeitando as exigências da estrutura acadêmica, mas não deixando de ser justa a essa vivência.

Acredito que um exemplo dessa mudança foi no estágio que cumpre por exigência de uma das disciplinas da faculdade, tive a sorte de estagiar na escola onde a diretora atual foi minha primeira professora na vida. Nos encontramos no projeto Gente Legal, ela não se lembrava de mim e não mostrou a mesma alegria que eu com nosso encontro.

No estágio, no momento do lanche das crianças, as ouvi cantando a mesma música que eu cantei quando era menina, quando estava naqueles banquinhos no lugar daquelas crianças, com apenas quatro anos de idade, o sentimento que invadiu meu peito foi nostálgico, mas logo em seguida senti um vazio, uma tristeza por ver que tudo está do mesmo jeito. Já se passou mais de vinte anos e a música é a mesma e cantada da mesma forma, sem alegria, as palavras saem sem força, sem verdade.

Meu envolvimento com o projeto Gente Legal, não permitiria que isso ficasse apenas em mim, seria injusto se eu enquanto estudante de pedagogia, enquanto educadora, não me posicionasse diante disso. Busquei apoio, encorajamento com Elisabete Benetti e tive a oportunidade de dizer, da maneira amorosa e respeitosa possível, que os educadores daquela escola podiam se permitir mais, tornar o momento do lanche e outros mais alegres, experimentarem outras músicas. Disse isso olhando nos olhos daquelas professoras, que me

viram como uma colega, como alguém que as querem bem e acolheram o sentimento e a orientação.

Para tomar essa atitude, tive que passar dois anos me percebendo no projeto Gente Legal, tomei a decisão que não podia apenas relatar o que vi na escola em um relatório final de estágio, mas que tinha um compromisso ético em dar uma devolutiva da minha vivência lá para as pessoas de lá. Porém quando a data da reunião para a devolutiva foi chegando fiquei apavorada, insegura, com medo de julgamentos e rejeições. Recorri mais uma vez a Elizabete Benetti que me encorajou dizendo “fale de você, da sua vivência como aluna, fale com igualdade, fale como alguém que também está aprendendo a se permitir mais” e fui com tudo isso no coração.

Parece simples, parece pequeno demais, mas aquele momento, depois que consegui dizer tudo que estava em mim, com serenidade e verdade, senti um estado de plenitude, por apenas conseguir dizer o que é, sem rodeios, sem julgamentos, sem ego, apenas com muita vontade de ver a mudança, por acreditar em uma educação amorosa. E tudo isso pode parecer apenas um grãozinho pequenininho de areia, mas que já preenche um espaço que estava vazio dentro de mim, não é pequeno, para mim é imenso, grandioso, senti que de fato contribui, fui verdadeira e estou fazendo o que acredito que é certo.

A aproximação e permanência no projeto Gente Legal me subsidiou de maneira impar, trouxe recursos que infelizmente não foram oferecidos na faculdade. Pude vivenciar na prática situações que são apenas “pinceladas” na formação, entrei em contato com conteúdos e metodologias novas e possíveis de maneira mais profunda, permitindo assim a apropriação.

Destaco aqui alguns fatores fundamentais vivenciados no projeto Gente Legal que foi pouco explorado na formação acadêmica:

- Prática – No projeto Gente Legal há continuamente um impulso para a prática, todos os encontros, capacitações, partilhas são oferecidos para aplicação no cotidiano, nem sempre imediata, mas que não se perde na teoria. Em muitos momentos essa metodologia me causou desconforto e insegurança, o medo de não conseguir fazer, mas sempre pude buscar encorajamento e orientação. Quando havia a superação dessa dificuldade de fazer, o sentimento era de conquista e a sensação do aprendido.
- Artístico permeando as ações – Na formação acadêmica somos contemplados com disciplinas que são direcionadas às artes, mas há uma divisão muito

nítida quando começa e quando encerra, o projeto me proporcionou um olhar mais amplo para a arte, pude vivenciar o artístico permeando toda a ação do educador e aprender que o fazer artístico pode estar em todas as disciplinas, não de maneira pontual e sistematizada, mas é como um eixo transversal, um filtro artístico, que orienta todas as ações.

- Planejamento amplo – Pude vivenciar o planejamento de maneira simples e ao mesmo tempo ampla. O planejamento baseado no teatro me oportunizou compreender que esse aspecto é pouco explorado na universidade, aprendemos teoricamente como fazer, mas não somos instigados a planejar de fato. Focamos apenas nas atividades pontuais e em planos de aula, mas não aprendemos a planejar um semestre, um ano e por isso acabamos por reproduzir uma metodologia fragmentada e desconectada.
- Postura do educador – Na formação temos poucos momentos onde se orienta sobre posturas do educador. Vamos atuar como professores ainda despreparados e imaturos. Algumas orientações em relação a cumprimento de horário, relações entre colegas, compromisso com o planejamento, devem ser constantes na formação. Não somos devidamente preparados para ser referências para as crianças e nos misturamos nas relações, esquecemos que nosso comportamento é mais importante do que nosso discurso. No projeto pude ser alertada sobre esse aspecto, é difícil ser cobrada por questões que parecem óbvias, que achamos que estamos cumprindo, mas que na verdade estamos negligenciando. Aprendi que a postura ensina mais do que a fala.
- Acolhimento – No projeto fui acolhida prontamente, sempre me senti bem-vinda e parte do movimento, esse acolhimento acontece através do respeito pelas opiniões e diferenças e pela disposição em ouvir. Na universidade, muitas vezes, nos intimidamos em dizer nosso entendimento sobre um assunto, por medo de sermos ridicularizados ou desaprovados. Esse comportamento vai fazendo com que a cada dia ficamos mais distantes ou aprendemos a falar aquilo que se quer ouvir.
- Encorajamento – No projeto fui instigada a ouvir o meu coração, a dar valor ao meu sentimento, em às vezes não dar tanta vazão a intelectualidade, mas

sentir o que está acontecendo, estar presente. Na formação acadêmica esse aspecto, na maioria das vezes é completamente rejeitado.

- Acessibilidade intelectual – No projeto pude vivenciar que o mais importante do que dizer é o como dizer, falar de um jeito que se entenda, essa acessibilidade reforça o objetivo da arte para todos, quando de fato faço de uma maneira que seja compreensível a todos. Na faculdade, em alguns casos, quanto mais difícil, mais complexo, mais valorizado é, de maneira que por vezes preferimos nos calar a tentar compreender.
- Tempo – Ao me aproximar dessa vivência artística percebi que é necessário tempo para o aprendizado, tempo para vivenciar, se apropriar, acomodar. Pude vivenciar muitas ações desenvolvidas pelo projeto, mas havia um planejamento onde tempo para a compreensão, para o entendimento daquilo que seria feito era respeitado. Na faculdade, o tempo é inimigo, a quantidade de prazos, trabalhos, seminários, provas, faz com que realizamos tudo com pressa, com objetivo de conseguir entregar e tirar nota, mas nem refletimos se aquilo que foi feito é realmente algo que acreditamos

Esses são alguns pontos que considero ter sido negligenciado na minha formação e que encontrei apoio para vivenciar no projeto Gente Legal.

Por isso que o projeto tem esse nome, Gente Legal é aquele que faz um pouco mais, mas esse pouco é de um valor incomum, hoje em nossos meios de convivência, nas relações não valorizamos o que de fato tem valor, esse movimento tem o compromisso de estar perto dessa essência, de parar para ver o detalhe, a beleza da flor, o olhar na dança, a atenção na fala do outro, o acolhimento da chegada, a diversão do jogo, não fazer por fazer, falar por falar, estar por estar, é a consciência do teatro que alinha o trabalho e coloca o indivíduo presente em sua vida.

Embora eu frequente diretamente o projeto Gente Legal, não foi propósito desta pesquisa ressaltar apenas os pontos positivos, elogiar demasiadamente. Houve um compromisso ético no dialogo com os autores da fundamentação teórica deste trabalho e a metodologia da pesquisa executada, buscou-se um distanciamento crítico que possibilitasse a compreensão das relações entre os educadores que participam desse projeto e suas concretas mudanças pedagógicas nos processos educacionais que estavam envolvidos.

Portanto, a objetividade da análise, algo sempre difícil para quem está envolvido diretamente com o objeto pesquisado, foi preservada, a imparcialidade é impossível, porém zelou-se pela seriedade nos estudos dos autores, análise das entrevistas e o compromisso em apresentar um trabalho alinhado à realidade dos fatos.

3 – Projeto Gente Legal: compartilhando experiências artísticas

Para compreender o que estava sendo articulado no projeto, buscou-se leituras que elucidassem os propósitos dele em relação à arte, educação e humanidade. Foram relacionadas em torno vinte obras, no entanto com a ajuda do meu orientador, frente à diversidade dos autores pesquisados, decidiu-se privilegiar obras que constam na referência ao término desse projeto.

Os autores aqui selecionados seguem abordagens específicas, pensamentos e teorias que vão ao encontro dos princípios do projeto Gente Legal, onde a arte tem um papel transformador e vem como uma possibilidade na prática diária do professor. Esses autores foram selecionados principalmente pela trajetória, por suas práticas, são pessoas que tiveram motivações para escrever que vai além de questões intelectuais, o impulso para o estudo veio de uma necessidade humana, de um afeto, de um desejo de ajudar o outro a ser melhor. Os autores selecionados assumiram um compromisso com a vida e isso deve ser a palavra de ordem para o educador.

Ao começar por Paulo Freire, patrono da educação brasileira, que aprendeu as primeiras palavras com sua mãe em baixo de uma mangueira riscando gravetos no chão, dormia embalado pela melodia das músicas tocada por seu pai, seu papá e teve uma professora primaria que o deixava livre para *ser*, mas não deixando de ser apoio nas dificuldades, “a professorinha” Eunice Vasconcelos.

Fui criando naturalmente uma intimidade e um gosto com as ocorrências da língua – os verbos, seus modos, seus tempos... A professorinha só intervinha quando eu me via em dificuldade, mas nunca teve a preocupação de me fazer decorar regras gramaticais. (FREIRE, 1994, p.2).

Outro nome selecionado é Viola Spolin, educadora, autora e diretora de teatro, considerada avó da improvisação, começou a trabalhar os jogos dramáticos com imigrantes, trabalhadores, no contexto da revolução industrial, sistematizou um esquema para a experiência teatral, com o intuito de quebrar barreiras étnicas e culturais, estimulando a experiência criativa e a auto-descoberta. O princípio fundamental de seu trabalho é não ser competitivo, mas sim a superação de seus próprios limites, contrariando a tendência industrial da época.

Viola Spolin foi fortemente influenciada pelo grande mestre Constantin Staninlavski, o projeto Gente Legal se aproxima ideologicamente de Stanislavski, pois pratica o teatro que desperta percepções sutis e encorajadoras. Stanislavski não pretendeu inventar teorias, disse

apenas que deve-se usar o bom senso e conhecimento profundo das capacidades e limitações humanas. “Desejou realizar e conseguiu o arejamento do teatro moderno, despojando-o de convenções e artificialismo e transformando-o em poderosa arma de comunicação entre intenções do autor e sensibilidade do público, graças a melhor preparação do ator”. (STANISLAVSKI, 2003).

Stanislavski trabalha com o sentimento do ator, de forma que “empresta” esse sentimento ao personagem, ele resgatou no ator suas memórias, trazendo a humanidade para o teatro, para a atuação, o reconhecimento das emoções, a espiritualidade, percebe a necessidade em se trabalhar as características das personagens. Viola Spolin, autora citada no trabalho, se influenciou por esse olhar, por essa maneira de trabalhar o teatro e ressaltou em sua teoria com bastante ênfase o resgate da humanidade. O projeto Gente Legal, influenciado por esses nomes, prioriza a humanidade inerente de cada ser e trabalha para oportunizar essa descoberta nos participantes.

Esse entendimento de Stanislavski pode ser tranquilamente aplicado a realidade educacional, tudo que estamos discutindo nesse trabalho tem esse entendimento, conhecer as capacidades e limitações dos educadores, se livrarem do artificialismo e usar a arte como arma de sensibilização.

A competição se baseia na síndrome da aprovação/desaprovação e é a síndrome da aprovação e desaprovação que está nos matando. Ela se baseia no medo. E quando você se baseia no medo acaba matando as pessoas. Meu trabalho é sobre a experiência atual no momento presente. É por isso que é necessário libertar-se da aprovação e desaprovação. Da dependência do diretor ou professor... Vocês estão nisso juntos! Jogar é um ato totalmente físico. E por meio do que é físico quem sabe alcancemos o que é espiritual. (SPOLIN, 1963, P.2)

Nos permitimos também mencionar neste trabalho Rubem Alves, ele escrevia para crianças, para as netas, falava de sua meninice e da suas lembranças de Minas Gerais. Falava de sua máquina que faz pensar, que encontra soluções, como uma maquineta de roubar pitangas que construiu quando menino. Fala dos sonhos, dos jardins e da arte de produzir fome (*conhecimento*).

A mina d'água - “Meu pai trabalhava no campo. Com foice e enxada. O sol era forte. O corpo coberto de suor. Ficava com sede. Pensava na mina. Mas não ia beber. Trabalhava mais. Queria ficar com mais sede. E aí, quando a sede era insuportável, ele ia para a beirada da mina e bebia a água friinha... Ele me contou que isso – ele com sede insuportável, bebendo água da mina – era uma das maiores felicidades que ele se recordava, em toda sua vida... É preciso que vocês dêem um jeito de conhecer uma mina. Eu juro: uma mina é uma coisa mais maravilhosa que tudo aquilo que vocês possam ver num playcenter. A água nascendo... A vida nascendo... A natureza nascendo. Pois, se vocês não o sabem, é nas minas que a natureza nasce...” Dizia Miguel de Unamuno: "Saber por saber: isso é inumano..." A tarefa do professor é a mesma da cozinheira: antes de dar faca e queijo ao aluno,

provocar a fome... Se ele tiver fome, mesmo que não haja queijo, ele acabará por fazer uma maquieta de roubá-los. Toda tese acadêmica deveria ser isso: uma maquieta de roubar o objeto que se deseja... (ALVES, 2002, p.3)

Celéstin Freinet nasceu e cresceu em meio à natureza, no pequeno vilarejo de Gave, nos Alpes Franceses, também foi pastor de rebanhos, passou boa parte de sua infância e adolescência explorando essas paisagens e buscando na natureza consolo para sua dor. Essa vivência o impulsionou para estimular educadores no mundo inteiro a sair das salas de aula e descobrir o que tem lá fora. Um educador que não só acreditava na prática, mas não se distanciou dela, Freinet descobriu que a forma mais profunda de aprendizado é o envolvimento afetivo.

Cultivemos antes de tudo este desejo inato na criança de se comunicar com outras crianças, de fazer conhecer ao redor de si seus pensamentos, seus sentimentos, seus sonhos e suas esperanças. Assim, aprender a ler, a escrever, a se familiarizar com o essencial daquilo que chamamos de cultura será para ela função tão natural quando a de aprender a andar. Célestin Freinet (ELIAS, 1996 apud SANTOS, 1996, p. 33)

Augusto Boal é criador do teatro do oprimido, metodologia que une teatro e ação social. Seu trabalho também foi fortemente influenciado por Stanislavski, que foi o precursor no trabalho voltado para o ator, instigando-o a sua própria capacidade. Boal diz que muitas vezes falamos das influências dos livros, mas não valorizamos as influências que vieram através das vivências, das pessoas que estão perto de nós. “Sem meus amigos, meu trabalho não teria existido”.

Boal (1980) afirma que a poesia é a primeira lição que o Estado deve ensinar à criança, a poesia é superior a filosofia porque esta se dirige a uma minoria enquanto que aquela se dirige as massas.

Nós somos uma pré humanidade, somos pré humanos, o teatro pode ajudar na eclosão dessa humanidade, a explosão dessa humanidade, o teatro pode ajudar o nascimento de uma verdadeira humanidade, que só vai existir quando houver solidariedade. Mas a gente analisando isso podemos passar uma próxima etapa e dizer finalmente um dia, agora somos seres humanos porque agora somos solidários. (BOAL, 2011, p.2)

Outros autores como Vygotsky que descobriu que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Viviane Mosé filósofa poetiza e educadora brasileira que se dedica a compreender as deficiências do sistema educacional e apontar alguns caminhos possíveis, baseado em conceitos da filosofia. Como Mosé mesmo diz o que faz é estimular produção e compartilhamento de conteúdos.

Revelação

Eu queria dizer uma coisa que eu não posso sair dizendo por aí. É um segredo que eu guardo, é uma revelação. Que eu não posso sair dizendo por aí. É que eu tenho medo de que as pessoas se desequilibrem delas mesmas. Que elas caiam quando eu

disser. É que eu descobri que a palavra não sabe o que diz. A palavra delira. A palavra diz qualquer coisa. A verdade é que a palavra, ela mesma, em si própria, não diz nada. Quem diz é o acordo estabelecido entre quem fala e quem ouve. Quando existe acordo existe comunicação, Mas quando esse acordo se quebra ninguém diz mais nada, Mesmo usando as mesmas palavras. (MOSE, 2008, p.1)

Peter Slade, autor citado no trabalho, foi um dos pioneiros a estudar e trabalhar o teatro para a criança passou mais de trinta anos dentro de escolas aplicando jogos dramáticos e investigando a influência dessa experiência no desenvolvimento infantil, trabalhou também com menores infratores e com crianças com deficiência.

Os autores apresentados foram de fundamental importância para o desenvolvimento desse trabalho, autores que inspiram, não só pelo que falaram, mas pelo que fizeram, foram escolhidos por suas motivações, autores que ecoam em nossa memória e coração e não nos deixa relaxar, que alimentam nossa alma.

A decisão em falar um pouco de cada um desses autores antes de citá-los veio de uma orientação de Elisabete Benetti, pois no teatro é comum pesquisar o contexto da história e personagens para maior compreensão e aproximação da verdade. Elisabete diz que precisamos saber de quem estamos falando, porque o autor segue essa ou aquela teoria. Buscando essas motivações, ficou ainda mais claro a necessidade em mencionar tais autores, não só pelos estudos desenvolvidos por eles, mas também pelos alinhamentos de vida, que vem de encontro aos ideais do projeto Gente Legal.

Estudar as pessoas, antes de estudar suas obras, conhecer um pouco do universo que contribuiu para suas escolhas, seus estudos, enfim investigar suas motivações. Esse entendimento trouxe mais coerência para a fundamentação, quando nos aproximamos do universo do outro, fica mais fácil de compreendê-lo.

O projeto Gente Legal, foi idealizado com intuito de despertar os educadores para um estado de consciência maior através da sensibilidade teatral social. Idealizado e orientado pelo Grupo Ato, o projeto carrega consigo os mesmo alinhamentos do grupo, trabalhar o teatro para a vida, para a ação social. Contribuindo assim para que o educador se conheça melhor e através desse entendimento, compreenda melhor o mundo a sua volta, encorajando-o a agir.

O projeto se pauta na atuação para o dia a dia e acredita que o teatro, a arte, é um recurso que deve ser usufruído por todos. Somos levados a crer que a “habilidade artística” só pode ser vivenciada e explorada por alguns, aqueles que têm talento para isso. “Talento ou falta de talento tem pouco haver com isso” (SPOLIN,1963).

Se o ambiente permite, pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar. “Talento” ou “falta de talento” tem pouco a ver com isso. Devemos reconsiderar o que significa “talento”. É muito possível que o que é chamado comportamento talentoso seja simplesmente uma maior capacidade individual para experimentar que a infinita potencialidade de uma personalidade pode ser evocada (SPOLIN, 1963, p.3)

A proposta do projeto é justamente tornar possível o desenvolvimento dessa habilidade através da sensibilização humana, pessoas consideradas *normais* permitir-se envolver-se com a arte, a ponto de modificar seu olhar como educador. Não se eximir da realidade, mas expressar-se com prontidão e coerência, espontaneamente, conquistando uma relação mais honesta com os alunos.

O educador deve buscar sua própria maneira de fazer, o projeto está para que o educador se liberte do medo de tentar, se alinhe com o compromisso em ser educador e se encoraje para fazer diferente, de maneira que cada um se perceba fortalecido e faça.

Viver é sempre o grande desafio de estabelecer metas, abrir trilhas, produzir contornos, conceitos; viver é criar valores. Por isso, o aprender deve estar vinculado ao criar. Aprender criando é a regra, porque do contrário não é aprendizado, é treinamento; não há troca, há imposição. Mas a arte não é considerada fundamental como deveria, mas acessória, distração. (MOSE, 2014 p.83)

Acima Viviane Mosé, depois de percorrer diversas escolas no país e entrevistar alguns estudiosos da educação, constata que a arte ainda é entendida como distração, uma linguagem externa que distancia o homem dele mesmo. E não como uma ferramenta de acesso ao autoconhecimento e descoberta da essência artística individual, possibilidade colocada pelo projeto Gente Legal.

Viver é criar valores, o educador, principalmente da educação infantil onde a formação do caráter está acontecendo, se torna uma das referências da criança. Sua postura é observada constantemente pela criança que muitas vezes, atribui aquele exemplo como o único verdadeiro da sua vida. A linguagem, o olhar, o contato, tudo é registrado pela criança que reproduz esse comportamento.

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negada. Isso exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educadores. (FREIRE, 2011 p.63)

Como já mencionado o projeto Gente Legal foi idealizado pelo Grupo Ato (Carlos e Elisabete) que além do projeto, direciona seu trabalho ao público infantil com montagens de espetáculos, capacitação artística para educadores em projetos sociais, coordena e atua voluntariamente em um Ponto de cultura onde crianças e adolescentes podem vivenciar a arte

não de maneira didática, mas em todas as ações desenvolvidas no espaço como teatro, música, dança artes plásticas, meditação e leituras, além disso, o grupo hoje atua em frentes paralelas como cinema para a comunidade com exposições mensais. A arte para além do palco.

O Grupo Ato atua socialmente, pois entende que ser artista não se limita a profissão, a estar no palco, todos são capazes de viver artisticamente. A atuação é o papel que desempenhamos na sociedade, independente da profissão. E segundo Elisabete Benetti para alcançar uma atuação brilhante é necessário a consciência do momento presente, *aqui e agora* e o comprometimento com todo.

Muito pouco de nós são capazes de estabelecer esse contato direto com a realidade. Nosso mais simples movimento em relação ao ambiente é interrompido pela necessidade de comentário ou interpretação favorável por uma autoridade estabelecida. Tememos não ser aprovados, ou então aceitamos comentários ou interpretação de fora inquestionavelmente. Numa cultura onde aprovação/desaprovação tornou-se o regulador predominante dos esforços e da posição, freqüentemente o substituto do amor, nossas liberdades pessoais são dissipadas. (SPOLIN, 1963, p.6)

O papel do educador, portanto vai muito além de contribuir intelectualmente na formação do aluno, está ligado à formação emocional “criança vê, criança faz”. Ao nos remetermos a nossa infância, as lembranças se baseiam principalmente nas vivências emocionais. As memórias estão diretamente ligadas à afetividade, um olhar, um toque, uma fala, uma bronca, um sorriso. Segundo Vygotsky existe uma relação íntima entre memória e conduta.

Um tipo de atividade pode ser chamado de reconstituído ou reprodutivo. Está ligado de modo íntimo a memória: sua essência consiste em reproduzir ou repetir meio de condutas anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes. Quando me lembro da casa onde passei a infância ou de países distantes que visitei reproduzo as marcas daquelas impressões que tive na primeira infância ou à época das viagens. (VIGOTSKI, 2004 p. 11 e 12)

A reprodução de posturas está ligada as referências fixadas em nossa memória, portanto, a criança reproduz o que ela vive, isso amplia ainda mais o entendimento do papel do educador, seu dever é ainda maior, educar é ser e não dizer que é. “É como se, ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo “tomasse posse” das formas de comportamento fornecidos pela cultura” (OLIVEIRA, 1995, p.26).

Comportamentos esses que podem estar tão incorporados em nossas ações que acreditamos ser normal agir de maneira “inconsciente”. Podemos levantar tais questões: Qual exemplo estou dando? Como é a minha aula, sempre igual? Utilizo sempre os mesmos textos, ano após ano? Minha prática é mecânica? Quais as marcas de impressões que estou deixando em meus alunos?

José Pacheco, pedagogo, idealizador da Escola da Ponte em Portugal e colaborador direto da Escola Âncora no Brasil (Cotia – SP), duas escolas completamente diferentes dos padrões e tem como princípio básico a autonomia do ser, diz em seus relatos que se deparou com professores que dizia dar aulas a mais de trinta anos e que não via razão para mudar sua prática já que tem muita experiência em ensinar a tantos anos, Pacheco argumentava dizendo que na verdade não são trinta anos de experiência, mas apenas um dia de aula que se repetiu por trinta anos.

Esse relato reforça os ensinamentos de Paulo Freire que insiste na contínua auto-avaliação do educador, assim como no teatro. A diferença entre uma brincadeira e um jogo de teatro (jogo dramático) é a avaliação. Viola Spolin reforça esse entendimento quando orienta que se avalie em todas as sessões de trabalho, de maneira que se traga consciência para o que foi desenvolvido, consciência da ação.

A avaliação focada e alinhada no que está sendo visto e não em suposições é extremamente educativa e deve ser constante, conduzida de maneira simples como no jogo. “Como foi nosso dia hoje, o que fizemos? Chegamos ao nosso objetivo? Como você se sentiu? Algo poderia ser diferente?” A avaliação deve ser clara e simples, com amorosidade, porém ser afetuoso não significa ser permissivo, *bonzinho*, nem sempre é agradável, mas o educador que tem tal postura contribui com a formação do caráter do aluno.

Quando estimulados a uma falsa afetividade, onde há um excessivo contato físico, uma infantilização na fala e nas posturas, cria-se uma situação de dependência, a criança passa a acreditar que só é boa por conta desse estímulo, é o autoritarismo mascarado, pois atitudes como essa limita o desenvolvimento emocional, psicológico e criativo da criança que passa a agir para agradar essa autoridade.

Aprovação/desaprovação cresce do autoritarismo que, com o decorrer dos anos, passou dos pais para o professor e, finalmente, para o de toda a estrutura social (o companheiro, o patrão, a família, os vizinhos, etc). (SPOLIN, 1963, p.7)

A afetividade não pode ser confundida como proteção exagerada ou com o exibicionismo desse ou daquele aluno, por ser o mais bonitinho da turma. Segundo Rubem Alves afeto, vem do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É isso, ir ao encontro das necessidades, não das minhas enquanto educador, não é a minha carência, a minha vontade, o meu desejo, mas o que devo fazer para suprir a necessidade da criança.

Passando desta visão contextualizada para um enfoque, mas específico, que enfatiza o humano na relação pedagógica, importa acentuar que o conhecimento chega ao aluno pela via da afetividade, seu verdadeiro alicerce. Afetividade não confundida

com *banho de mel, enjoativa e artificial*, mas interpretada como conjunto de manifestações psíquicas representadas pelas emoções, sentimentos, inclinações e paixões, como capacidade de sentir, de experimentar estados afetivos e de agir e reagir efetivamente. (ELIAS, 1996 apud PAIVA, 1996, p. 92)

A pedagogia de Freinet citada acima, afirma que o conhecimento só acontece por meio da afetividade. Esses grandes nomes da história da pedagogia desbravaram caminhos ainda desconhecidos pela ciência para comprovar o poder do afeto. O trecho ressalta o afeto como conjunto de manifestações psíquicas esclarece que não se deve confundi-lo com carências e gerar relações de dependências.

Isso não quer dizer que não podemos ser amorosos com nossos alunos. Há uma cultura, dentro da universidade que nos ensina a não “mostrar muito os dentes” para os alunos, isso pode ser perigoso, já que os alunos podem entender que somos amigos. “Um professor que sorri demais acaba perdendo a autoridade”.

Como educadores somos responsáveis por inspirar sonhos nas crianças, somos os responsáveis por criar possibilidades na vida dos alunos. O educador tem o papel fundamental de encorajar, empoderar esses meninos e meninas para que eles se sintam capazes de buscar seus próprios caminhos e esse tesouro que o educador têm nas mãos, essa lamparina de esperança, deve sim ser acompanhada de sorrisos e afeto, só assim as crianças vão se apropriar disso, só assim elas irão acreditar.

Existe um mundo que acontece pelo desenrolar lógico da história, em toda sua crueza e insensibilidade. Mas há um mundo igualmente concreto que nasce dos sonhos: a “Pieta”, de Michelangelo, o “Beijo”, de Rodin, as telas de Van Gogh e Monet, as músicas de Tom Jobim, os livros de Guimarães Rosa e de Saramago, as casas, os jardins, as comidas: eles existiram primeiro como sonho, antes de existir como fatos. Quando os sonhos assumem forma concreta (Hegel dava isso o nome de “*objetivação do espírito*”), surge a beleza. (ALVES, 2004, p. 11)

Sonhos que assumem formas concretas viram belezas, a formação do educador se limita, em muitos casos, na análise de fracassos, constatações de um sistema falido, dados que afirmam o que já está evidente, enfim, feiúra. Rubem Alves diz com a propriedade de quem esteve por dentro do sistema educacional, que é preciso beleza! Mas, para haver beleza, é preciso sonhar com ela.

Mas há algo que a ciência não pode fazer. Ela não é capaz de fazer os homens **desejarem** plantar jardins. Ela não tem o poder de fazer sonhar. Não tem, portanto, poder de criar um povo. Porque o desejo não é engravidado pela verdade. A verdade não tem o poder de gerar sonhos. É a beleza que engravida o desejo. São os sonhos de beleza que têm o poder de transformar indivíduos isolados num povo. (ALVES, 2004, p.26)

A escola se tornou um ambiente pouco atraente, os educadores estão em um estado lamentável de exaustão. A escolha em ser educador parece não ser consciente, ou se é, está

adormecida, muitas vezes essa escolha está vinculada ao sistema, ao capitalismo, mais uma maneira de “ganhar um dinheiro”.

Existe uma cultura na universidade em “encontrar o culpado”, para então estudar sobre eles e publicar os dados. Paulo Freire (2011), na obra *Pedagogia da autonomia*, diz “Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

Essa exaustão inicia na própria formação, saímos da universidade exaustos e amedrontados, depois de passar muito dos quatro anos estudando o fracasso escolar, chega a hora de ir para a escola fracassada, falida. E ao invés de estarmos esperançosos e confiantes no trabalho que podemos desenvolver e transformar minimamente essa escola estamos desestimulados e inseguros.

O campus da UNICAMP é um lindo lugar para impedir que isso aconteça, é um lugar lindo com gramados, árvores, lagos, pássaros, insetos. Segundo o mito bíblico, o mais alto sonho de Deus é um jardim. Por isso o Criador produziu o *big-bang*, só para no final plantar um paraíso. Ele nos criou para que tivéssemos prazer e alegria no jardim. Razão porque a nossa vocação original é a de ser jardineiros. Tudo o que a gente faz, o trabalho, a ciência, a política, a arte, são *meios* para o grande fim que é o jardim. Saber por saber, saber que não sonha com o jardim, que só deseja virar tese ou artigo em revista internacional, é manifestação de loucura. (ALVES, 2004, p. 45)

A sigla UNICAMP pode ser substituída por UNESP – Bauru estamos em um campus privilegiado, com um imenso espaço territorial e um jardim de encher os olhos, estamos rodeados pelo Cerrado que domina nossa região, somos de um curso de pedagogia onde o estímulo ao contato com a natureza está citado em muitos textos. Inclusive o termo Jardim da infância foi dito por Freinet, por passar sua infância curando suas dores em meio à natureza. Mas, aqui, estamos nos esquecendo de cuidar do jardim.

Entretanto ao analisarmos melhor, as gerações que estão ingressando nas universidades já são resultados dessa formação, fomos alunos desses profissionais e chegamos à universidade com conhecimento superficial, em um nível de mediocridade intelectual. Já somos a consequência dessa formação, que “repetem receitas”, ano após ano, atividades, músicas, rotinas que acontecem da mesma forma e são ensinadas do mesmo jeito.

Quando somos lançados para a atuação como educadores, percebemos que não temos o hábito de sentar no chão, que sabemos poucas músicas e brincadeiras, não conseguimos ouvir as crianças e nos comportamos de maneira autoritária. Tudo isso porque em nossa formação, aprendemos sobre muitas teorias, mas não somos ensinados a *fazer*, a prática ainda está pouco presente no curso de pedagogia, o que nos torna inseguros para a atuação.

Quem melhor que os oprimidos, se encontrará preparados para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá melhor que eles os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo o significado da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta, que pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando está se revista da falta generosidade referida. (FREIRE, 1970, p.17)

Relatos dos envolvidos no projeto comprovam a transformação provocada pela arte quando incorporada nas ações diárias na sala de aula. Mas não a arte enquanto linguagem, música, artes plásticas e teatro, por exemplo, mas sim a arte que sensibiliza, que afeta, que vê o outro, que acolhe e aflora sentimentos e possibilidades desconhecidas.

Os encontros promovem aprendizado compartilhado entre educadores, o saber cotidiano, ampliado por entendimentos utilizados no teatro, através de jogos dramáticos, em um ambiente onde o acolhimento é percebido pelos presentes e contribui para a aproximação e nas percepções.

O teatro acontece enquanto prática, não é aula de teatro, metodologia, mas ele permeia toda a vivência e a partir dessa experimentação se busca entendimentos teóricos. Não se estuda qualquer coisa, não se lê qualquer coisa só o que é necessário, assim há um aprofundamento maior. Nietzsche dizia amar somente os livros escritos com sangue (...) Os livros escritos com sangue mexem com o corpo e a alma. Os outros mexem só com a cabeça. O corpo fica do jeito como sempre foi. (ALVES, 2004)

Esse movimento valoriza pela linguagem simples “falar de um jeito que se entenda”, isso não quer dizer linguagem rasa e limitada, apenas acessível a todos.

Como já mencionado, o projeto Gente Legal busca compartilhar a arte de maneira que seja possível a todos, estabelecendo um contato próximo e acolhedor por aqueles que passam pelo projeto, com regras simples e fáceis de serem cumpridas. Peter Slade (1978) orienta nesse sentido quando diz que devemos estabelecer poucas regras mas garantir que estão sendo cumpridas.

Por se tratar de um movimento artístico, baseado fundamentalmente no teatro, onde a ação é indispensável, nos encontros a prática é vivenciada, o movimento é presente, através da fisicalização, termo utilizado no teatro que quer dizer *mostrar*, fisicalizar *a percepção o sentimento, fazer*. Os educadores são convidados a vivenciar os jogos dramáticos, contribuindo assim para a busca da auto-expressão e liberdade pessoal. Peter Slade (1978)

afirma que o jogo não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver.

Os jogos sempre se alinham a um aspecto claro e específico, é como uma brincadeira com objetivos direcionados e por se tratar de um jogo de teatro, não termina na ação, mas através de uma avaliação final, os jogadores resgatam suas percepções durante o jogo e são estimulados a se aproximarem desses sentimentos e reações.

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer – é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las. (SPOLIN, 1963, p.4)

O adulto se esquece de brincar e por isso não vê a razão do brincar, não valoriza o brincar de uma criança, não fica junto, não percebe que a brincadeira é o canal de acesso para se aproximar do emocional da criança e perde a oportunidade de observar essa expressão que ela mostra espontaneamente na brincadeira. Lydia Hortelio, pesquisadora de brincadeiras e brinquedos tradicionais e principalmente, uma educadora brincante, afirma que a brincadeira é o último reduto de espontaneidade que a humanidade tem, é a língua do ser humano.

Por isso, os adultos práticos e sérios não sabem brincar. O brinquedo é uma atividade inútil. E, no entanto, o corpo quer sempre se voltar a ele. Por quê? Porque o brinquedo sem produzir qualquer utilidade, produz alegria. Felicidade é brincar. E sabem por quê? Porque no brinquedo nos encontramos com aquilo que amamos (ALVES, 1994, p. 62)

Peter Slade (1978) afirma que o jogo dramático é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade *inventada* por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos. Portanto é indispensável à avaliação, enquanto o educador reflete sobre sua atuação no jogo, relaciona tais percepções com a vida, com sua prática. O jogo dramático evidencia o comportamento humano e auxilia para uma consciência das ações.

“Na brincadeira teatral infantil existem momentos de caracterização e situação emocional tão nítidos, que fizeram surgir uma nova terminologia: Jogo dramático” (SLADE, 1978). Os jogos dramáticos oportunizaram um momento de livre expressão e de liberdade pessoal

Através da espontaneidade somos e re-formamos em nós mesmos. A espontaneidade cria uma explosão que por um momento nos liberta de quadros de referência estáticos, da memória sufocada por velhos fatos e informações, de teorias não digeridas e técnicas que são na realidade descobertas de outros. A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, exploramos e agimos em conformidade com ela. (SPOLIN, 1963, p.4)

Se fizermos uma analogia entre o brincar da criança e o jogo dramático, diríamos que assim como a criança se mostra na brincadeira, quando expressa sentimentos e situações da sua vida, o adulto (educador) se mostra no jogo dramático, traz aquilo que é na essência, a avaliação torna isso consciente. Nesse sentido, o jogo prepara o indivíduo para estar presente no exato momento em que se vive a ação, no “aqui e agora”, estar pronto e puro para ver o que de fato está acontecendo, focado na situação que deve ser resolvida, chamada de problema.

O jogo dramático, portanto é um problema para solucionar problemas, esses jogos preparam o indivíduo para resolver problemas maiores, cada jogo trabalha um (ou mais) aspectos como, relacionamento, observação, espontaneidade, imaginação etc. Essa consciência de tempo e espaço traz ao educador uma atuação mais precisa, pois ele se permite trabalhar com elementos da realidade, evita julgamentos e traz foco para a atuação pedagógica.

Um exemplo: Quando os educadores são orientados para brincar de pula-corda, sua concentração deve estar voltada para a corda, o foco é estar pronto para entrar na corda no momento correto. O jogo dramático se trata de um problema a ser resolvido. Para solucionar o problema da corda, basta pular a corda. Assim como a criança se mostra na brincadeira o adulto se mostra no jogo.

O jogo Dramático infantil é não só educação no que ela tem de melhor, mas prevenção também. Ele oferece uma válvula de escape legítima para a energia de bomba-atômica desse grupo social que chamamos de turma (SLADE, 1978, p.63)

Esse entendimento do jogo dissolve interpretações pessoais, apara arestas, treina os educadores para se concentrar no problema e buscar soluções com o grupo, usando um ponto de concentração.

A técnica de solução de problemas usadas nas oficinas de trabalho dá foco objetivo mútuo ao professor e ao aluno. Em palavras simples, isto significa dar problemas para solucionar problemas. Ela elimina a necessidade de o professor analisar, intelectualizar, dissecar o trabalho de um aluno com critérios pessoais. (SPOLIN, 1963, p. 19)

Segundo Augusto Boal (1980) “uma “faculdade” é tudo aquilo que o homem é capaz de fazer, ainda que não o faça. O homem, ainda que não ame, é capaz de amar. Ainda que seja covarde, é capaz de mostrar coragem. A faculdade é pura potência imanente a alma humana”. Tal perspectiva fundamenta nossa análise, as partilhas dos encontros, os jogos, as reflexões, o prazer em experimentar, emerge em um querer coletivo, estimula a exploração das faculdades anestesiadas pela padronização humana, transformando-as em *paixões*.

Ao se conectar com essas potencialidades, *sentimentos*, nasce a necessidade de provocar essas sensações, esse desejo, em outras pessoas.

Embora a alma racional possua todas as faculdades, apenas algumas chegam a se realizar: estas são as paixões. Uma “Paixão” não é meramente uma possibilidade, mas sim um fato concreto. O amor é uma paixão desde que seja exercido como tal. Enquanto seja simples possibilidade, será simples possibilidade, será simples “faculdade” e não “paixão”. Uma paixão é uma faculdade atualizada, uma faculdade que se transforma em ato concreto. (BOAL, 1980, p.18)

O educador desperta a sua sensibilidade, trazer de volta a espontaneidade, a disposição, a paixão... Rubem Alves (2004) diz que sua paixão pela educação se sintetiza em semear as sementes da mais alta esperança. “Não busco discípulos para comunicar-lhes saberes. Os saberes estão soltos por aí, para quem quiser. Busco discípulos para neles plantar minhas esperanças”.

Transformar a vivência experimentada no projeto Gente Legal em paixão, isto é, em ato concreto é um desafio ainda maior, viver esse movimento no cotidiano escolar, exige um posicionamento do educador que vai contra o movimento comum e por isso exige comprometimento. A auto-avaliação é constante e permite um alinhamento para a prática.

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto ou aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. (FREIRE, 2011 p. 100)

Assumir-se nesse movimento que busca o belo como inspiração, a afetividade na educação e um comprometimento que vai além da sala de aula, demanda disposição e mudanças de posturas viciosas.

O enfrentamento é amoroso, o projeto não acredita na mudança pela força, pela desordem ou incompreensão. Mas acredita que a mudança deve começar pelo indivíduo e não pelas estruturas. A mudança do professor como autoridade absoluta não ocorre imediatamente. Levam-se anos para construir atitudes, e todos temos medo de abandoná-las uma vez incorporadas. (SPOLIN, 1963)

José Augusto Dominguez (1978), em sua obra “Teatro e educação”, levanta uma importante reflexão em relação ao compromisso do educador com a auto-reflexão de sua prática. Coloca o professor no lugar de observador e orientador, norteado por um auto-senso crítico que não permite extrapolar suas necessidades próprias e desejos profissionais no aluno.

Não discuto que o nível de um professor está ligado ao seu nível de motivação pessoal, mas o que questiono é a atuação de um professor que, desconhecendo o seu próprio mundo interior, usa sua posição para induzir seja lá quem for a participar de

um trabalho que tem por objetivo, consciente ou inconscientemente, satisfazer suas necessidades. (DOMINGUEZ, 1978, p.18)

Assim como o Viola Spolin afirma que o educador deve manter um duplo ponto de vista em relação em relação a si mesmos e aos alunos, observador e orientador (1963).

Esse movimento requer uma disposição para um bem maior, um compromisso com o grupo do qual fazemos parte, o teatro traz essa percepção na prática, “não é a minha vontade, é o que a história pede”. O educador é estimulado a viver situações onde postura e comprometimento são imprescindíveis, fatores essenciais para o envolvimento com sua atuação.

Reconhecer que o sistema atual não inclui a todos, não basta. É necessário precisamente por causa deste reconhecimento lutar contra ele e não assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema e de acordo com o qual “nada há que fazer, a realidade é assim mesmo”. (FREIRE, 2000, p. 143)

Portanto, a única exigência para a participação no Projeto Gente Legal, é que o educador encontre uma maneira de levar o que experimentou no projeto para sua prática, um compromisso com a partilha em seu local de trabalho. È um processo de transposição de entendimentos para a prática quase que instantaneamente e isso exige o envolvimento integral.

O principal objetivo do projeto Gente Legal é a criança, porém compreende-se que é através do educador que a criança será fortalecida, é através do educador que a criança vai se sentir percebida, valorizada, encorajada, portanto é o educador que precisa de atenção. Precisamos cuidar da criança adormecida do educador, provocar o despertar, lembrá-lo de suas faculdades. O projeto busca um movimento de superação, de encontrar soluções, não basta apontar os problemas, os desalinhamentos, precisamos encontrar caminhos para seguir.

Mario Sérgio Cortella em palestra a um grupo de professores cita uma passagem bíblica que diz “Deus vomitará os mornos”, sabe aquele sujeito que não é nem quente nem frio, aquele ‘leva a vida’, aquele que espera que “alguém tome uma atitude”, aquele sujeito que acredita que só porque não está fazendo maldade já está contribuindo com o todo, pois bem, o filósofo conclui que os pessimistas, os mornos, que se dizem realistas se aproxima do bandido por omissão. Não nos omitimos diante dos problemas, eles estão aí para serem resolvidos.

Portanto, o estudo realizado possibilitou a aproximação a um movimento no qual desperta o educador para um estado de consciência maior, o projeto Gente Legal acredita no teatro como ação social, a arte como instrumento de sensibilização humana que independe do

local de atuação. O projeto se orienta pelo teatro que está além do palco e entende que talento é só uma questão de disposição em se lançar ao novo, talento é o desejo de experimentar. Dá oportunidade a que o educador busque a sua própria maneira de fazer, que se encoraje para uma prática mais consciente, que encontre seu próprio caminho, rompendo assim com esse ciclo de repetição da educação, ciclo de fórmulas prontas que espera sempre o mesmo resultado.

Esse movimento tem o intuito de acolher e principalmente, encorajar o educador para uma prática pedagógica mais autônoma, de maneira que supere as deficiências de uma formação, que em muitos casos, não valoriza o aspecto humano. O projeto Gente Legal compartilha o teatro para o resgate da humanidade do ser e contribui para o fortalecimento pessoal, na construção emocional, intelectual e social do ser humano.

4 – A arte para além do palco

Para maior compreensão e aprofundamento da pesquisa, foi realizado um estudo histórico do projeto Gente Legal. Os dados foram coletados nos arquivos pessoais de Elisabete Benetti, idealizadora/coordenadora do projeto Gente Legal, nos artigos publicados no Jornal desta cidade e sites.

O Grupo Ato nasceu em 1989 na cidade de Bauru, há 28 anos, quando Elisabete Benetti e Carlos Batista se mudaram para a cidade com sua filha, na busca por melhor qualidade de vida, desde então o grupo vem desenvolvendo trabalhos voltados para sensibilidade artística através do teatro.

Após quase dez anos trabalhando no circuito artístico de Bauru com peças teatrais e animação de festas, Elisabete Benetti sentiu a necessidade em compartilhar os benefícios que o artístico proporciona, constatou que esse bem não poderia ser apenas para benefício próprio, que essa transformação vivenciada pelo artístico deveria ser algo experimentado por todos.

Após seu ingresso no curso de pedagogia esse desejo teve ainda mais impulso pelo fato reconhecer na pedagogia alinhamentos artísticos e conceitos teatrais, refletiu sobre a dissociação da arte quando se refere à didática, processo de ensino-aprendizagem, planejamento e sensibilidade do educador, não unir a arte ao fazer pedagógico, é um erro, torna o cotidiano educacional mecânico e superficial.

O início do processo foi em 2008, o Grupo Ato organizou uma temporada de seis meses de espetáculos infantis, de maneira que fosse apresentado um espetáculo por mês, totalizando em seis espetáculos, todos produzidos pelo Grupo Ato. Essa temporada foi uma oportunidade para crianças, jovens e adultos da periferia de Bauru vivenciar seis apresentações teatrais, ampliando assim seu repertório artístico. As obras apresentadas pelo Grupo Ato foram: habitante do Sonho, Rapunzel, A Lenda do Vale da Lua, A Nutricomédia, A Nova Descoberta e O Dia que o Medo virou Música, totalizando em 24 apresentações e cerca de 3600 espectadores.

A realização desse projeto foi viabilizada pela Ordem dos Advogados do Brasil de Bauru (21ª subseção OAB/SP - Bauru) que cedeu o espaço para as apresentações. Essa parceria começou quando o Grupo Ato foi convidado para uma única apresentação de um dos seus espetáculos que seria exibido para advogados e suas famílias, porém o auditório onde

ocorreria essa apresentação não tinha condições adequadas para a montagem, era necessárias adequações no ambiente e esse investimento seria muito alto para uma única apresentação. Então o grupo fez uma contra proposta, a Casa faria as adaptações necessárias, no caso estrutura para iluminação cênica e ao invés de uma apresentação fariam seis meses de temporada aberta. A proposta foi acolhida e a parceria perdura desde 2009, de maneira que o Grupo Ato estimulou a criação de uma comissão de arte e comunidade da OAB-Bauru, na qual o próprio grupo coordenada (Carlos Batista e Elisabete Benetti).

Durante a exibição dos seis espetáculos, parte da platéia estava sempre ocupada por participantes de um projeto social de Bauru, a cada domingo 50 lugares eram reservados para essas crianças, que eram levadas para a OAB-Bauru pela empresa de transporte público de Bauru que concedeu o transporte após o pedido de Elisabete Benetti e Carlos Batista. O projeto nesse momento levava o nome de “Projeto Legal” só posteriormente viraria “Gente Legal”, segundo Elisabete a mudança do nome veio por conta do entendimento de que “essa gente precisa ser mais legal”.

O projeto social abraçou a parceria e além de assistirem aos espetáculos permitiram a continuidade da ação na instituição. A atriz Elisabete Benetti, nesse momento cursando pedagogia, juntamente com outra estudante do curso de pedagogia, se deslocavam até a instituição na semana subsequente a apresentação do espetáculo, proporcionando momentos de entendimento das peças e jogos teatrais.

200 crianças do Projeto Girassol, no Núcleo Fortunato Rocha Lima assistiram a todos espetáculos e 50 delas, com idade de 8 a 10 anos, foram acompanhadas semanalmente pela atriz Elisabete Benetti e pela pedagoga Bruna Hamer, que discutiram com elas os espetáculos e participavam de jogos teatrais. A ida ao teatro todo domingo e o estímulo semanais dos encontros proporcionaram um rico momento de improvisação coletiva “O sonho da mata” (BENETTI, 2009)

Diante desta oportunidade em ter um espaço para as apresentações dos espetáculos, aberto a comunidade, Elisabete Benetti passou a questionar a importância de seu trabalho e o valor da arte na vida das pessoas. Focada nesses questionamentos Elisabete detectou que a criança responde ao estímulo artístico com muita facilidade e envolvimento, ao contrário do adulto, do educador, que mesmo recebendo o mesmo estímulo que as crianças, não reagem com o mesmo entusiasmo, não se beneficiavam da arte como as crianças.

A partir dessa vivência, Elisabete Benetti sentiu que o olhar deveria se voltar para o educador, o foco continuaria a ser a criança, mas o trabalho não haveria continuidade se o educador não se sensibilizasse. A criança está sendo educada por esse profissional que já se distanciou da sua humanidade, da arte, da alegria.

No ano seguinte a essa temporada iniciou um movimento de pesquisa e experimentação de novas possibilidades na educação, com o objetivo de aproximar o educador do entendimento artístico. O primeiro movimento com esse foco foi reunir pessoas que estivessem alinhadas com esse propósito, foi organizado um encontro que funcionou como um chamado, para saber onde essas pessoas estavam. Para atrair essas pessoas, foi realizado um momento de sensibilização e de partilha, com Cecília Borelli e o professor José Pacheco, nomes que tem muita força por estarem atuantes em movimentos de valorização humana e autonomia.

Professor José Pacheco, fará uma palestra cujo o tema é “Educação: o que podemos?” Esse encontro tem como objetivo apresentar as conclusões do trabalho desenvolvido com as crianças do Projeto Girassol a partir da ida ao teatro e iniciar um grupo de pesquisa e experimentação de novas possibilidades na educação. O professor José Pacheco é um dos responsáveis pela construção do projeto da Escola da Ponte, em Portugal, escola, onde há mais de 30 anos, educar deixou de ser discurso para realizar em seu mais profundo significado. Esta escola tornou-se única, com uma organização que dispensa aulas, classes, provas, notas, e tantos outros instrumentos que impedem a educação de um indivíduo autônomo e criativo, para dar espaço ao desenvolvimento de um aluno que se responsabiliza pela sua participação perante o ambiente escolar e seu próprio aprendizado, tornando assim real a utopia tão sonhada por diversos educadores de todos os tempos. (BENETTI, 2009)

O professor José Pacheco, fundador da escola da Ponte, como já mencionado e colaborador da Escola Âncora em Cotia – SP esteve presente nesse primeiro encontro para partilhar sua experiência como fundador de uma escola, que para muitos era algo inovador, mas para ele já era real a mais de 30 anos. Sua fala mostrou que é possível uma educação autônoma, já existe, mas antes é preciso saber “o que podemos”.

Nesse mesmo dia, houve uma sensibilização com Cecília Borelli, arte-educadora, psicóloga e artista plástica, sua presença traria suavidade para o encontro, sua vivência prepararia a platéia, buscando a sensibilidade para a fala do Professor José Pacheco, de maneira que todos estariam plenos para ouvi-lo.

Cecília Borelli é psicóloga, artista plástica e arte-educadora. Desde 1985 desenvolve oficinas, workshops e palestras sobre arte-educação sempre ligados à Qualidade de Vida e aos princípios da Ecologia Humana. Paralelamente, desenvolve seu trabalho como artista plástica, pesquisando materiais e incorporando a estes elementos, formas e cores da natureza. Tem realizado instalações e exposições em espaços públicos com temáticas que se propõem sempre a despertar no espectador a consciência da precocidade e responsabilidade de ser cidadão do planeta, de ser natureza. Suas mais recentes instalações foram Natureza Matéria, De Natureza Somos Nós, Os Guardiões da Terra, e Para Ciranda Nunca Terminar. Pertence à rede Mundial de Educação para a Paz e à Biocentric Foundation. (BENETTI, 2009)

O projeto foi vivenciado ano a ano, respeitando o ciclo de cada momento, Elisabete Benetti percebia a partir da vivência qual o tema necessário para a próxima etapa do projeto,

segundo ela, não era possível formular o projeto por mais de um ano, pois não se sabia como tudo iria acontecer durante o ano e a continuidade deveria ser coerente, Elisabete se mantinha atenta ao movimento, as experiências dos educadores, a necessidade maior aflorada, a coordenação artística ficava por conta de Carlos Batista.

Em 2009 o projeto foi organizado da seguinte forma:

2009

Objetivos

- Encontrar no município de Bauru professores, educadores, voluntários que estimulam crianças e jovens ao fazer artístico, seja no Teatro, nas Artes Plásticas, Canto Coral ou Dança.
- Levar estes grupos ao Teatro na OAB-Bauru aos domingos durante as apresentações do espetáculo “A canção de Assis”, acompanhando a preparação dos atores e do teatro e promover um bate-papo ao final para entendimento do processo.
- Desafiar os grupos a criarem uma performance artística para ser apresentada na OAB-Bauru no 2º semestre.
- Oferecer oficinas artísticas que possam dar suporte aos educadores durante o processo. (BENETTI, 2009)

A orientação vinha sempre de um estímulo artístico, a cada ano um espetáculo orientava as ações, no ano de 2009, o primeiro ano dessa experiência, o espetáculo exibido foi “A canção de Assis” que trazia o entendimento “Você não está sozinho”. Foram 14 grupos participantes, sendo oito escolas (estaduais, municipais e particulares), um abrigo, três projetos sociais, entre outros grupos. Mais de 400 crianças envolvidas e 33 educadores.

A CANÇÃO DE ASSIS

O espetáculo mostra a história de um menino órfão (Pitoco) que encontra num burrinho seu melhor amigo. A união dos dois cresce a cada dia e o burrinho começa a aprender muitas coisas, como brincar e até dançar, o que acaba por despertar a atenção de dois vilões (Corvina e Corbaccio) que rouba o burrinho do menino e o apresenta em praças públicas. O menino desesperado sai à procura do seu amigo, até que encontra Francisco, um homem que conversa com os animais e juntos vão em busca do burrinho desaparecido. (GRUPO ATO, 2016a, p.3)

No primeiro semestre de 2009 além das apresentações do espetáculo “A canção de Assis” na OAB-Bauru, os educadores tiveram a missão de desenvolver uma performance artística no seu local de trabalho, juntamente com as crianças. Foi oferecida a parceria com Grupo Ato, de maneira que Elisabete Benetti e Carlos Batista acompanhavam o processo em visitas nas instituições e escolas quando solicitado, para oferecer orientações artísticas.

No segundo semestre, foi feita uma mostra de todos os trabalhos na OAB - Bauru. Os 14 grupos fizeram apresentações públicas no auditório com capacidade para 200 pessoas, todas as instituições tiveram a experiência de apresentar seu trabalho com a estrutura teatral

necessária. Nesse primeiro ano de projeto Gente Legal, foi o período para perceber o que esses educadores sabiam fazer, qual seria qualidade artística/humana dos trabalhos, para dar continuidade nos próximos anos de projeto Gente Legal. Esse momento foi de reconhecer o terreno para saber o que e como semear a terra.

O “Projeto Gente Legal”, desenvolvido pela Comissão Arte Comunidade da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Bauru e o Grupo Ato, entra em sua segunda fase, a partir deste domingo. Crianças e adultos do Centro de Educação Infantil Santo Antonio (Ceisa) subirão ao palco do auditório da OAB, às 16h, para mostrar o que aprenderam. A entrada é gratuita. Iniciado em abril, o projeto permitiu que 14 grupos acompanhassem a montagem do espetáculo “A canção de Assis” e, a partir disso, descobrissem o “fazer teatro”, desde a criação do cenário, o texto, os ensaios, até a encenação. Workshops, conversas, debates e visitas também foram realizadas com o objetivo de que os participantes vivenciassem a troca artística. “O resultado principal foi mostrar o quanto a arte pode melhorar a vida das pessoas, seja no ambiente familiar, no trabalho ou na escola”, resume Carlos Batista, diretor do Grupo Ato. A cada domingo, os participantes vão apresentar performances, a partir de suas reflexões, ao longo do projeto. “Serão performances artísticas, mas não necessariamente um espetáculo. Tem, por exemplo, apresentações de dança, teatro de bonecos”, adianta o diretor. Nos próximos domingos de setembro, as apresentações seguem com o Projeto Girassol e Família Nazaré com EMEI Rosângela; em outubro, o Ato retoma as apresentações de “A Canção de Assis”; e, em novembro, o projeto volta com Escola Viver, Escola Coronel Leite (Agudos), Centro de Valorização da Criança (CEVAC), Secretária Municipal de Cultura e Colégio Carlos Chagas com Colégio Stela Machado. O auditório da OAB fica na avenida Nações Unidas, 30-30. (BERALDO, 2009)

Ao contrário do que diz a reportagem, nessa etapa não houve workshops, mas como já mencionado, mas sim um suporte na montagem dos espetáculos oferecida pelo Grupo Ato. Em 2010 depois da vivência de 2009, o grupo Ato pode se aproximar das pessoas que estavam no projeto, vira como elas atuavam como educadores, como se relacionava com seus educandos e como compreendiam a arte. Então o próximo entendimento que alinhou o ano foi propor uma reflexão íntima, começar um movimento de consciência de si mesmo e de suas ações, através dos seguintes questionamentos: quem é você? Onde você está? E o que você está fazendo?

Nesse ano, como estímulo para essa reflexão, foi exibido o espetáculo “Alice no país das maravilhas”, produzido pelo Grupo Ato. Nessa etapa o educador não precisou desenvolver algo, mas tinha que se comprometer com essa reflexão.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

O espetáculo é uma leitura da obra de Lewis Carroll que o Grupo Ato monta especialmente para as crianças. Além de buscar uma melhor compreensão do ser humano a partir do universo infantil, acreditamos que podemos encontrar no País das Maravilhas – a visão fantástica que uma criança tem de seu mundo – as “cores” que têm faltado à nossa realidade, numa época em que o mundo real parece cada vez mais carente de imaginação e espontaneidade, de solidariedade e esperança, de cuidado e vida. (GRUPO ATO, 2016b, p.7)

No final desse ciclo houve uma avaliação coletiva, os participantes avaliaram o ano de maneira artística, cada grupo levou seu entendimento do ano e apresentou aos demais, não de modo sistematizada, mas sim artisticamente, cada grupo encontrou uma maneira criativa de se expressar.

Após esse entendimento provocado pelas perguntas e pelo espetáculo, buscando sempre a continuidade do processo, no ano de 2011 o entendimento que direcionou as ações foi “agora que já se compreendem melhor, conta a história do seu jeito”, isso é no primeiro semestre os participantes assistiram ao espetáculo “Era mais uma vez outra vez” em seguida faziam releituras dessa mesma história em sua área de atuação. Contaram a história com seu olhar, do seu jeito, foram protagonistas do movimento, se permitiram viver um processo de criação.

ERA MAIS UMA VEZ OUTRA VEZ

"Era mais uma vez outra vez" conta a história de personagens de um livro de conto de fadas, que depois de passar anos empoeirado na estante da biblioteca, é escolhido por uma leitora. O narrador imediatamente se assusta quando percebe que a história está bagunçada: o Rei vendeu o castelo para morar em uma praia; o Dragão das Sete Asas tem apenas duas... Era preciso colocar a casa em ordem! Na adaptação do texto para o palco, a proposta é estimular o público ao hábito de ler livros, especialmente os contos de fadas que excitam a imaginação e o intelecto. Uma produção bem cuidada, canções originais interpretadas ao vivo e figurinos e cenografia que criam uma plasticidade bela. O trabalho contém em sua concepção a união de elementos artísticos que garantem a boa qualidade do espetáculo. (GRUPO ATO 2016c, p.9)

No segundo semestre, houve um intercâmbio de apresentações entre as escolas e instituições, esse momento foi estimulado para que os participantes pudessem perceber que cada um sente a arte de um jeito, mesmo com o mesmo estímulo.

A partir dessa intensa experiência vivenciada em 2011, foi percebida a necessidade por Elisabete Benetti, de colocar a poesia, o encantamento. As instituições fizeram, representaram, atuaram, trabalharam a linguagem artística, agora estava na hora de poetizar, colocar a doçura, estava na hora de cuidar dos detalhes.

Então em 2012 o grupo propôs um espetáculo coletivo com todas as instituições participantes do projeto Gente Legal. “A lenda do vale da lua”, nesse espetáculo as instituições participaram da peça, fizeram o espetáculo com o grupo Ato.

A LENDA DO VALE DA LUA

Querer contar uma história encená-la. É assim que uma trupe de atores chegam ao palco e criam em cena aberta a história de Jorge e Suzana que moravam no Vale da Lua e tinham dois filhos: Carlos e Lúcia. Foi numa noite em que as crianças olhavam o céu e viram uma estrela cadente e tiveram uma ideia, inventaram um boizinho para brincar, dançar e encantar o Vale da Lua. Mas a brincadeira foi parar na cidade grande e para trazer o boizinho de volta foi preciso contar com a ajuda das

lendas. Tudo é um faz-de-conta. Através da poesia, da música cantada e tocada ao vivo, adereços e bonecos do tipo mamulengo, quatro atores envolvem a plateia sem truques, sem disfarces, numa grande brincadeira de encenar histórias. (GRUPO ATO, 2016d, p.4)

No elenco atuavam 87 pessoas entre crianças e educadores. Os ensaios aconteciam dentro das instituições com as crianças e a apresentação foi no parque Vitória Régia, importante espaço público da cidade, um anfiteatro ao céu aberto. Nesse dia o parque se transformou no Vale da Lua.

No ano de 2013 o projeto Gente Legal realizou uma mostra teatral no teatro Municipal de Bauru. O intuito foi que nesse momento o educador fizesse com as crianças tudo àquilo que aprendeu no projeto nesses quatro anos de partilhas. Foi o momento de compartilhar com todos o que ficou de tudo que foi vivenciado no projeto Gente Legal. As escolas e instituições montariam uma apresentação artística utilizando um conto de fadas, as histórias selecionadas deveriam ser baseadas na realidade vivenciada por eles, uma história que tivesse a haver com o contexto em que vivem.

No primeiro semestre foi feito o acompanhamento com visitas periódicas nas instituições e escolas, de modo os educadores recebiam orientações e estímulos para a montagem das apresentações. A idéia foi que os educadores e crianças tomassem conta de todo o processo, desde produção, bastidores, figurinos, cenários, personagens, tudo.

“Chapeuzinho Vermelho”, “Sapatinhos gastos de tanto dançar”, “Soldadinho de chumbo”, “A princesa e a ervilha”, “Rapunzel”, “O gato de botas” e “Cachinhos dourados”. Essas serão as peças teatrais que prometem divertir, encantar e ensinar crianças de todas as idades no Teatro Municipal, de amanhã até quinta-feira (confira a programação completa no quadro). A iniciativa é do Grupo Ato, que comemora a Semana da Criança com a Mostra de Trabalhos 2013 do Projeto Gente Legal. O evento faz parte das comemorações da Secretária Municipal de Cultura ao Dia da Criança. A entrada é gratuita. A dinâmica do trabalho nesta quinta etapa da ação gira em torno dos contos de fadas e das histórias infantis tradicionais. Entre os objetivos está o aprimoramento do educador que, para o Grupo Ato, é o principal agente de transformação do processo educativo. O diretor do Grupo Ato e um dos coordenadores do Gente Legal, Carlos Batista, acrescenta que esta edição também visa levar as instituições da cidade para o palco para apresentarem seus espetáculos. “Para isso, oferecemos workshops com profissionais do teatro para educadores. Depois eles trabalharam com suas crianças e jovens”. Levar a reflexão sobre os sentimentos e atitudes humanas por meio dos personagens dos contos de fadas é uma das características das peças, algumas adaptadas para a realidade local das comunidades onde o projeto é realizado. (PESSOTO, 2013)

O Teatro Municipal de Bauru foi ocupado pelas instituições durante uma semana, a agenda foi toda preenchida por espetáculos feitos por escolas e projetos sociais. Crianças e educadores trabalhando juntos, cuidando da bilheteria, sonoplastia, organização geral, tudo foi responsabilidade das instituições, foi o momento deles “tomarem conta”, o Grupo Ato esteve presente como apoio, mas presenciou esse momento de autonomia dos grupos.

Colocado em prática já há cinco anos pelo Grupo Ato, em parceria com a OAB/Bauru, Gente Legal é um projeto de responsabilidade social que leva a arte além do palco, e surgiu quando o Ato resolveu ampliar seu trabalho e passou a convidar instituições de ensino e atendimento social para compartilhar sua experiência. Desde 2009, já se passaram pelo projeto 13 instituições e, este ano, oito delas apresentarão seus próprios trabalhos artístico e desenvolvimento educativo na mostra. (PESSOTO, 2013)

Enquanto as apresentações aconteciam no Teatro Celina Lourdes Alves Neves, na Galeria ao lado foi feita uma exposição exibindo todo o processo vivenciado pelas instituições. A programação foi publicada no jornal. Além desse importante evento realizado no ano de 2013, o estímulo artístico para os educadores se inspirarem no processo veio através do espetáculo “O dia que o medo virou música”. Que vinha como encorajamento para que os educadores tomassem consciência de seus medos e fossem capazes de transformá-los, superá-los. O resultado dessa transformação foi a mostra de espetáculos, foi a transformação das angústias em arte.

O DIA

O DIA EM QUE O MEDO VIROU MÚSICA

Adaptação do conto "João e Maria", dos irmãos Grimm, "O Dia em que o Medo Virou Música", pretende recuperar a magia inerente a cada criança, que vem sendo sufocada pela mídia eletrônica, e transpor para o palco os conflitos básicos do conto, como o medo da rejeição e a eterna luta entre o bem e o mal. O gênero musical foi escolhido pelo seu potencial de comunicação imediata com o público infantil e pelo caráter lúdico da dança. A adaptação teve por base estudos sobre os contos de fadas, entre eles o do psicanalista Bruno Bettelheim. (GRUPO ATO, 2016e, p.12)

Em 2014 ainda sob o olhar e dedicação em manter a continuidade do projeto respondendo as necessidades do momento, sob a percepção de alguém que está fazendo junto, o entendimento para o processo foi “sonhar e realizar”, através do espetáculo “Habitante do sonho”.

HABITANTE DO SONHO

Músicas, fantasia, magia e muito humor são os ingredientes que compõem o espetáculo que mostra a história de Pedro, um garoto que mora na cidade grande, num prédio de apartamentos e não tem espaço para brincar. Foi então numa noite em que dormia; ele acordou em seu próprio sonho onde conhece Spin, uma menina marota, que juntos enfrentam os vilões: Madame Malsina e seu ajudante Raven. (GRUPO ATO, 2016f, p.10)

Neste mesmo ano o Grupo Ato (Elisabete Benetti e Carlos Batista) completou 25 anos na cidade de Bauru, a comemoração foi a remontagem do espetáculo, pelo fato de ter sido o primeiro trabalho do grupo na cidade de Bauru.

O espetáculo Habitante do Sonho tem estreia hoje em temporada que marca a celebração dos 25 anos de atividade do Grupo Ato. A peça foi a primeira encenação do Ato, em 1989, e se o projeto de colocar em prática um grupo de teatro com qualidade em Bauru era um sonho de seus integrantes, o que habitava o sonho tornou-se realidade nos anos que se seguiram. O espetáculo de hoje tem início às

16h, no auditório da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), subsecção Bauru. A temporada comemorativa vai até dezembro, todos os domingos, no mesmo horário e local. (TEODORO, 2014)

O ano contou também com um show no parque Vitória Régia que teve a participação de várias pessoas que passaram pelo grupo nesses 25 anos, além dos participantes do projeto Gente Legal (educadores e crianças).

Neste domingo (12) é comemorado o Dia das Crianças e para marcar a data cidades do Centro-Oeste Paulista oferecem uma programação especial. Em Bauru, tem teatro no Parque Vitória Régia. O Grupo Ato comemora 25 anos com apresentação musical. O espetáculo de duração de 55 minutos é gratuito, livre para todas as idades e contará com 91 atores, músicos e técnicos e a participação especial de músicos da Banda Sinfônica Municipal. É a partir das 20 horas no Anfiteatro do parque, que fica na Avenida Nações Unidas, quadra 21. (G1, 2014)

Diante dessa trajetória, Elisabete percebeu através dos entendimentos vivenciado em todas as etapas, que seria o momento do projeto Gente Legal ser elenco de um espetáculo e fazer uma temporada teatral. Foram 18 educadores no palco que compuseram o elenco do espetáculo “A ciranda e o Dom” e mais cinco pessoas entre coreógrafa, bilheteria, apoio para receber as crianças e diretor de elenco e geral. O argumento foi escrito por Cecília Borelli, a mesma arte educadora que esteve no chamamento do projeto em 2009, o argumento estava guardado há anos, mas só em 2015 foi o momento de contar essa história. Segundo Elisabete Benetti essa é uma característica do trabalho, perceber o momento em que deve desenvolver cada situação, muitos são os textos, as histórias, os colaboradores, mas há um tempo certo para cada coisa acontecer.

O entendimento que alinhou o trabalho foi “Todos tem que querer a mesma coisa, se não, não dá certo”. Em 2015 foram feitas em média 19 apresentações por quatro meses.

A CIRANDA E O DOM

Ciranda e Dom são duas crianças de mesma idade. Ela, esperta, ama cantar, dançar e é claro brincar. Às vezes, é chamada de Aiodelê (que em ioruba, língua de seus antepassados, significa alegria da casa). Vive com sua avó, Terê, mulher forte e bonita, descendente de africanos, que trabalha como cozinheira no palácio. Ele, filho único do Rei. Triste, desanimado, indiferente a tudo e, principalmente, muito solitário. Também pudera, não pode sair do palácio, é mantido preso em seu quarto por ordem de seu pai, que passa a maior parte do tempo viajando e conquistando novas terras. Sua mãe, por conta dos compromissos com as senhoras nobres das terras conquistadas, fica dias sem ver o filho, além de cuidar da beleza para estar sempre bonita. Mas Terê e sua neta, Ciranda, elaboram um plano para acabar com a tristeza do príncipe. A Ciranda e o Dom é uma história de descobertas e alegria, de respeito e partilha, de mãos dadas que vão fazer girar na ciranda da vida o dom de ser feliz. (GRUPO ATO, 2016g, p.2)

Em todos os espetáculos apresentados na OAB- Bauru, Elisabete Benetti e Carlos Batista buscaram parcerias com empresas de transporte para que crianças das escolas e projetos sociais de Bauru pudessem ir assistir às peças. Há um entendimento que alinha todo o

trabalho, o fato que existe um jogo entre atores e platéia, de maneira que o público é essencial para que o teatro aconteça, por isso, a busca por uma proximidade com o público.

Em todas as apresentações as crianças chegam com antecedência no teatro, para que possam ter a oportunidade de visitar os bastidores, camarim, assistir ao ensaio, lanchar, assistir o espetáculo e participar de um bate-papo final. Elisabete Benetti acredita que as crianças devem se aproximar desse universo, pois quando isso acontece, existe um elo maior, todos se sentem parte do jogo, parte do todo, o público sabe que faz parte disso e se sentem acolhidos e valorizados.

Em 2016 o projeto Gente Legal através de uma lei de estímulo a cultura, contou com workshops de especialistas através da verba recebida, tais profissionais vieram compartilhar o que já é vivenciado pelo grupo, vieram ampliar o olhar dos participantes. Os encontros aconteceram mensalmente, de maneira que os educadores tinham um tempo para levar para a prática o que vivenciaram nos workshops. O foco nesse ano foi de fato “o fazer no dia a dia”, a arte que permeia todas as ações educativas.

Projeto Gente Legal 2016

O 8º ciclo vai acontecer em encontros mensais, aberto aos educadores que atualmente participam do projeto e que irão compartilhar em suas instituições, A idéia é dar continuidade ao processo de capacitação baseada no teatro, com ênfase na linguagem corporal. Os módulos previstos são:

- O Som do corpo (Ritmo e percussão corporal)
- O corpo em movimento (Exercício e dança)
- Palavra no corpo (Produção de pequenos textos dramáticos)
- O corpo em expressão (Performance e experimentações artísticas). (BENETTI, 2016)

Paralelo a tudo isso, no ano de 2016 o Gente Legal atuou em duas frentes, uma delas foi o programa Capacita que iniciou em 2015 e continuou em 2016, onde houve um acompanhamento contínuo com encontros periódicos em 26 projetos sociais de Bauru, com o objetivo de levar o olhar artístico para educadores sociais, foram em média 270 participantes. Essa capacitação também teve estímulos artísticos através de dois espetáculos, o primeiro foi “A farsa do anjo da asa quebrada”.

A FARSA DO ANJO DA ASA QUEBRADA

A peça mostra a história de um homem muito bondoso que adorava ajudar as pessoas abandonadas e famintas, que encontrava pela rua. Mas a sua esposa não via com bons olhos essa característica do marido. Um dia, o homem sem saber levou para casa um ladrão, e aí a situação ficou muito difícil, só um anjo poderia ajudar o bom homem. Um texto curto, cujo tema é a fraternidade. Em estilo farsesco, um grupo de atores inspirado no pastoril nordestino narra a história com cantos, danças e brincadeiras com o público. (GRUPO ATO, 2016h, p.3)

O segundo espetáculo apresentado em todos os projetos sociais, encerrando assim o programa Capacita foi “O que os olhos vêem o coração sente”.

O QUE OS OLHOS VEEM O CORAÇÃO SENTE

Quatro atores contam com a participação da plateia, a história de um rei amoroso que busca um sucessor. Descobre na pureza de uma criança a esperança e a confiança necessárias para um governante. A produção dos figurinos, adereços e instrumentos musicais foram realizadas com materiais recicláveis, como: papelão, garrafas PET, embalagens plásticas, cano de PVC, entre outros. O objetivo é proporcionar ao espectador a possibilidade de realizar arte com custo zero e principalmente estimular a criatividade. (GRUPO ATO, 2016i, p.14)

Já o Ponto de Cultura é o lugar onde a educação atua com esse olhar artístico e os participantes se beneficiam e se integram a tudo que acontece de maneira natural, fluída. É um espaço onde crianças e adolescentes se colocam com verdade, são estimulados a resolverem os problemas em comunhão e suas idéias e conflitos são acolhidos com respeito. Segundo Elisabete Benetti é o lugar ideal.

Para 2017 o projeto Gente Legal deve continuar, nesse momento o desenvolvimento está em planejamento, está no processo de entendimento do que foi 2016, na roda os participantes trouxeram algumas sugestões para o próximo ano, tudo foi ouvido com respeito e alinhado com o propósito do projeto, compartilhar!

Portanto, as ações realizadas durante toda a trajetória do projeto Gente Legal são inúmeras, pois se tratam de movimentos que acontecem dentro das escolas e projetos sociais através dos educadores que sentem a possibilidade na mudança pedagógica agregando o olhar artístico às suas práticas. Os estímulos para que esse movimento aconteça é sempre o artístico, espetáculos que impulsiona a etapa, orientações pedagógicas e artísticas, vivências como jogos dramáticos, passeios culturais e estudos direcionados.

Neste capítulo, foi traçada uma linha do tempo que contemplasse a trajetória do projeto Gente Legal, sua origem, etapas e estímulos, porém há oito anos Elisabete Benetti e Carlos Batista dedicam toda a vida em compartilhar a arte. Portanto há muitos detalhes, descobertas, ações que fazem parte deste caminhar. É uma história repleta de desafios, superações, fé, encontros e trabalho e seria impossível descrevê-la inteiramente.

5 – A contribuição dos educadores participantes do projeto

Neste capítulo serão apresentados trechos das entrevistas realizadas com a idealizadora/coordenadora do projeto Gente Legal e com os educadores participantes do projeto.

Optou-se pela entrevista semi estruturada, com questões que nortearam o tema, de maneira que fosse possível ampliar ou modificar alguns pontos conforme o desenvolvimento da mesma, foi possível essa liberdade por conta da estrutura escolhida para a entrevista. O questionário se encontra nos apêndices no final deste trabalho e foi organizado priorizando os seguintes temas: a relação entre a participação no Projeto Gente Legal e a atuação pedagógica, a percepção do artístico na ação pedagógica, as percepções em relação à mudança de postura enquanto educador e relatos de experiências que comprovam as respostas.

As entrevistas aconteceram pessoalmente, os entrevistados generosamente cederam um tempo para esse momento de maneira voluntária e concordaram com a revelação de suas identidades.

Os critérios para selecionar os educadores que colaboraram com a entrevista, baseou-se em alguns pontos que vinha de encontro com a temática do trabalho: todos os entrevistados são participantes do projeto Gente Legal a mais de um ano e atuam como educadores atualmente, seja na coordenação ou como educador direto. Atuam na rede pública de ensino, seja na educação formal (escolas) ou informal (projeto social), uma das escolas é mantida por uma indústria de Bauru, porém não há cobrança de mensalidade dos pais, as crianças que freqüentam a escola são filhos de funcionário e comunidade em geral. Quatro entrevistados possuem graduação no curso de pedagogia, um tem graduação em educação física e outro não possui ensino superior completo.

Os depoimentos colhidos nas entrevistas ampliaram a fundamentação teórica, trouxeram maior entendimento de como o projeto chega nas escolas e projetos sociais através desses profissionais e como é possível desenvolver um trabalho pedagógico a partir da vivência artística. Essas entrevistas comprovaram os objetivos iniciais deste trabalho que teve como foco a investigação de como a sensibilidade artística modifica a prática pedagógica e traz maior consciência para a ação do indivíduo. Abaixo dados dos entrevistados:

Elisabete Benetti, 55 anos	Atriz, graduada em pedagogia, idealizadora/coordenadora do projeto Gente Legal.
Jaqueline de Farias, 30 anos	Graduada em pedagogia, participante do projeto Gente Legal, atua em escola de educação infantil (escola mantida por empresa)
Maria de Jesus Lopes Mourão, 41 anos	Graduada em pedagogia, participante do projeto Gente Legal, atua em escola de educação infantil (escola mantida por empresa).
Ana Kátia Brasil Castor Mondolo, 44 anos	Graduada em pedagogia, participante do projeto Gente Legal, atua em escola de educação infantil (município).
Fúlvia Negli Goulart Garcia, 37 anos	Graduada em educação física e pedagogia, participantes do projeto Gente Legal, atua como coordenadora de um projeto social.
Fabício Ricardo Maldonado de Oliveira, 23 anos	Não possui graduação completa, participante do projeto Gente Legal, atua como educador social em um projeto social.

Iniciaremos com o relato da idealizadora/coordenadora do projeto Gente Legal, Elisabete Benetti, que iniciou sua fala contando um pouco de sua trajetória como atriz. Sua entrevista foi priorizada, pois vem como um parâmetro para as demais falas, isso é, seu relato revela a intenção, motivação e objetivos do projeto de modo que os depoimentos dos educadores participantes posteriormente se vinculam a esse relato inicial. As demais entrevistas não estão organizadas como a de Elisabete Benetti, estão organizadas de maneira integrada, não contando com uma ordem cronológica.

Tenho como formação o teatro, mesmo não sendo uma formação acadêmica, me formei pela minha experiência de trabalho. No tempo em que eu consegui meu DRT (registro profissional), não existia no Brasil uma faculdade de artes cênicas isso era comprovado pela experiência empírica, pela sua experiência profissional, eu comprovei trabalho tanto tempo de trabalho e esse tempo de trabalho foi coroado pelo prêmio de melhor atriz do estado de São Paulo. Que eu recebi do governador do estado na época Franco Montouro. Foi minha primeira formação, essa linda e maravilhosa que eu me orgulho muito, a vida me deu, foi uma escolha minha também. (BENETTI, 2016, p.1)

Elisabete Benetti não tem formação acadêmica em artes cênicas como mencionado, quando foi ser registrada profissionalmente como atriz a comprovação da profissão vinha através da experiência, pelo tempo de teatro. Elisabete recebeu o prêmio de melhor atriz do estado de São Paulo em 1984 com a personagem Mefistofélica do espetáculo “O dia que o medo virou música”.

Em 89 viemos para cá e continuamos nesse movimento, trabalho com o teatro desde os meus 16 anos. Escolhi o teatro porque era onde eu me sentia bem, eu gostava de

ir para aquele grupo e falar da vida, dos conflitos humanos, eu me sentia viva [...] Eu aprendia, eu tomava posse de uma informação, de uma ciência, de um conteúdo e eu ia viver isso, o teatro é assim, você vai e vive aquilo, então era muito encantador [...] O grupo Ato existe a 27 anos em Bauru, porque é o tempo que eu o Carlos e a Natalia residimos em Bauru, com a nossa chegada aqui, nós viemos pra viver bem, nós queríamos sair do tumulto, do caos, o medo, a gente veio com muito medo da AIDS, nossos amigos estavam morrendo de AIDS. As pessoas sumiam da nossa vida assim, era desesperador Laryssa, você não tem idéia, você falava um com outra pessoa, se voasse uma gota de saliva você ficava, meu Deus, você não sabia, você não podia pegar no talher, comer, beber no mesmo copo. A gente não sabia como contaminava, não sabia como se dava. A gente queria um lugar que tivesse um pouco mais de calma. (BENETTI, 2016, p.1)

Segundo dados de uma reportagem publicada pela revista superinteressante (2006) sobre os “25 anos de AIDS”, até esse período mais de 25 milhões de pessoas já tinham morrido vítimas do vírus é a segunda doença infecciosa que mais faz vítimas no mundo, logo atrás da tuberculose, só que ao contrário desta, não tem cura.

Elisabete diz em seu depoimento que muitas pessoas sumiam nessa época, no fim da década de 80 e início da 90, pessoas próximas, que faziam parte do círculo de amizade e o mais desesperador era não saber como isso acontecia, tudo era motivo de medo e esse foi um dos motivos que trouxe o casal e a filha para o interior.

O grupo Ato nasceu, porque a gente percebeu quando a gente veio para cá que a nossa vida já estava comprometida com o teatro, que a gente ia fazer isso em qualquer lugar, que não era um movimento da grande cidade, da metrópole São Paulo, não, porque lá tinha uma grande estrutura, não. O teatro estava em nós, na nossa vida e não tinha como abandonar isso, então vamos continuar e fomos procuramos a secretaria de cultura, enfim. Então o Grupo Ato nasceu aqui, né!? A gente percebeu que era o ato, atuar, era estar, estar em nós. E a gente começou muitas pessoas passou por esse grupo e foi, é uma trajetória muito linda. (BENETTI, 2016, p.2)

Elisabete Benetti e Carlos Batista trabalhavam com teatro em São Paulo, Elisabete entrou para um grupo de teatro aos 17 anos, grupo no qual Carlos Batista coordenava, desde então os dois estão juntos no teatro e na vida, casados há 37 anos.

Agora, onde você percebeu a relação entre teatro e educação? Com a pedagogia, acho que a pedagogia deixou isso claro para mim, foi muito bacana, quando eu fui fazer pedagogia é... foi na ânsia mesmo, no desejo de compartilhar isso que estava em mim, eu falava “não é possível que isso seja bom só para mim”. E foi realmente no momento pessoal também, de crise mesmo, existencial, que cê fala assim “o que eu to fazendo? Eu to fazendo isso por que, só porque eu gosto? Alguém pode viver desse jeito, fazer só porque gosta, né? Isso é real? Isso é assim? Meu trabalho atingi outras pessoas? Né, ou to fazendo só pro meu prazer? É pura vaidade? Né, é muito egoísmo assim, será que eu só to... Aí você vai buscando, é lógico, tudo isso acompanhado de muita terapia, né (risadas) de muitas coisas. Mas fundamentalmente era, era, era compreender, encontrar uma maneira, de compartilhar isso mesmo, eu falava mas como, eu precisava encontrar um jeito de levar isso com mais eficiência, de uma maneira mais direta. E aí né, como tudo acontece na minha vida de um jeito meio mágico assim, eu cheguei em um curso de pedagogia e nesse curso, cada módulo, porque era um curso a distância né, ele era muito bem organizado, eu achava isso maravilhoso, eu achava isso maravilhoso, eu

fala “gente, mas isso é teatro”. Então tudo que eu via no curso, tudo que eu vivi na graduação me aproximava da minha experiência, eu falava “Mas isso é teatro, isso é teatro, isso é teatro, tudo”. Então até de repente uma aula, que eu achei tão... foi tão marcante para mim, nós tivemos uma vídeo conferência com o Marcelo Gleiser, que ele, astrofísico né, e eu achei aquilo, quando eu entrei, eu falei “meu, que coisa linda esse curso, nós vamos falar sobre o universo, que coisa linda” e fiquei emocionada, sentada ali esperando o negocio começar, emocionada. E aí chega uma pessoa que tava fazendo o curso, que era diretora de escola e tal e que tava fazendo por conta das exigências do curso ela falava “pra que isso? Pra que estudar o universo?”. Eu falei, mas é...pra você não pode fazer sentido nenhum, porque você vive em outro mundo então tá, eu tô nesse eu quero saber o que tá acontecendo. (BENETTI, 2016, p.3)

Elisabete Benetti, foi fazer pedagogia em 2007 e conta que foi muito bom vivenciar o curso com a experiência de vida que tinha, pois foi como um reconhecimento. Seu curso foi à distância, ela ressalta que a organização e coerência do curso fizeram toda diferença nesse reconhecimento. Pois existia um cuidado na ordem, nos autores e os conteúdos estavam sempre dialogando com a vida, um curso humanizado, segundo ela. No decorrer do curso os estudantes tiveram vídeo aula com vários autores conceituados, um deles foi Marcelo Gleiser, físico, astrônomo, professor, escritor e roteirista, conhecido por sua linguagem simples e didática ao abordar temas complexos da física e da astronomia.

Eu tive a sorte de um curso que nos conectava com o todo, extremamente humano, super organizado, as pesquisas, as fontes, quando eles traziam o material eram coisas que eu já havia lido e que fundamentava o indivíduo no mundo, não só num curso, né. Era coisa que resgatava o sujeito mesmo, então assim, filosofia, sociologia, a psicologia, tudo isso foi muito trabalhado nesse curso e eu via muita identificação, eu via tudo lá [...] Nas matérias mais próximas, como jogos e brincadeira é... Então tinha algumas matérias que ficava muito evidente a proximidade do artístico mesmo, a faculdade, esse curso estava cumprindo seu papel, porque estava realmente aproximando... E eu como artista sabia que aquilo era verdade, então eles não diziam só, fundamentavam em autores, mas eu tinha aula com artistas, no caso né, então eu ouvia Rubem Alves, eu ouvia o Gilberto Dimenstein, eu ouvia educadores que tinha passado também por essa experiência de vida, eu ouvia Ziraldo, então era as pessoas que eles traziam, poxa que felicidade. E nesse momento, vivendo tudo isso, eu achei que eu poderia dar um outro direcionamento, ir lá e investigar se meu trabalho chegava nessas crianças como o trabalho do Rubem Alves, como o trabalho do Vygotsky, como todos esses autores chegavam em mim eu falei “e o meu? Porque o deles chegavam em mim e com uma força imensa né.. e o meu trabalho chega neles?” Então, seu eu fui fazer um curso pra fundamentar tudo que eu sabia né, então eu vou buscar também isso, eu vou lá vê como é que era e foi assim que eu percebi essa relação, através da pedagogia. E porque o Gente Legal existe e como ele nasceu? Foi a consequência disso, foi a consequência disso. (BENETTI, 2016, p.3)

O curso impulsionou ainda mais Elisabete Benetti em uma busca por saber da importância de seu trabalho, entrando em contato com autores e principalmente os sentimentos que estes despertavam, houve tal necessidade. Portanto o curso de pedagogia contribuiu para que Elisabete encontrasse um caminho para iniciar o movimento de partilha, ou melhor, dar continuidade a esse movimento.

Eu já compartilhava o meu fazer artístico e tal, com a secretária de educação, às vezes eu ministrava alguns cursos ou pela oficina cultura né, eu já compartilhava o meu saber, mas, como todo mundo faz e eu percebia em cada encontro quando... todo lugar que eu ia eu sempre encontrava um monte de gente bacana né, falava “Nossa!” aí eu chegava em casa e falava “Mas tem uma menina, tão legal, aquela menina é linda, ela tem olhar pra vida... Nossa eu conheci uma senhora, mas tão linda...” Eu percebi que eu tava cercada de gente legal e que eu não precisava estar sozinha eu não precisava estar sozinha né, que eu podia estar perto dessas pessoas, a dificuldade maior é que eu via a necessidade de fazer e as pessoas ainda estavam muito enroladas, assim, emaranhadas na vida delas, nos compromissos delas. Então ninguém sai pra se aventurar num sonho e ainda mais se não for o seu, né. Então a dificuldade dessa gente legal tá mais junto é isso, porque às vezes ainda por... não sei porque, tenho até... Não sei, ainda não encontrei essa palavra... mas as pessoas não vem porque elas ainda acham que é um sonho meu né, não é um sonho meu, é um sonho possível a todos, porque quem vem se fortalece e...e talvez fique mais claro pra quem vem o seu próprio sonho, né, fala “opa” então tá e vai, né! E a gente segue junto. Aí eu fui atrás dessas crianças, busquei uma instituição, a instituição me permitiu trabalhar com as crianças. Aí um dia eu encontrei uma aluna de teatro, indo assistir um espetáculo de teatro, encontrei uma aluna de teatro é... que tinha sido aluna minha numa escola de inglês e ela tava fazendo pedagogia também [...] e aí eu falei das coisas todas que estavam acontecendo comigo né e que eu tava nessa busca e tal e que tava tudo mais ou menos alinhado e aí ela falou “eu gostaria de ir junto com você” e eu falei “vamo embora!” era tudo que eu queria e ela veio e foi muito legal e fomos atrás dessas crianças... E descobrimos isso que as crianças estavam bem. Não como poderia né, porque o ambiente podia ser melhor, porque elas podiam estar sendo melhores olhadas e tal. Mas elas ainda preservavam dentro delas a possibilidade de abrir portas e janelas para o novo e que detectei nessa minha pesquisa de um ano uma coisa muito triste que o educador que ele, ele.. ele se empenhava, mesmo que de maneira inconsciente em fechar essas portas e essas janelas dentro dessas crianças e por mais força que essas crianças tivessem da natureza dela de empurrar essa porta, de empurrar e essa janela para abrir pro novo pro imaginário, pro sonho, pra fantasia, pra descoberta né, ela tinha que cravar essa batalha com o educador porque ele não permite, né e as crianças vão ficando triste e tal e quando elas tinham um tempo para extravasar tudo que elas são, era uma loucura, porque elas não sabiam lher dar com a liberdade, elas não sabem lher dar, com a expressão elas não sabem como dizer, não sabem o que sentem . E aí o projeto se direcionou e a gente entendeu que a melhor maneira de cuidar dessas crianças, de oferecer algo melhor pra elas, de verdade, seria não estando com elas, mas seria estando com essas pessoas que cuidam delas. Então ta, então vamo olhar para eles, porque “porque eles não fazem”. E aí a gente chegou né, e a ideia do movimento do Gente Legal então é... o Gente Legal ganhou um outro formato, nós continuávamos oferecendo o trabalho teatral para as crianças , oferecendo espetáculos pra elas e viabilizando o teatro a ida delas ao teatro, mas a gente chegava mais perto e se aproximava mesmo do educador, porque a gente sentia que era a criança dele que tava perdida e que era a criança dele que não foi acolhida em algum momento e era exatamente o que ele tava reproduzindo né, o modelo que ele recebeu era o que ele tava dando, por conta principalmente, no nosso olhar né, principalmente por conta da inexistência, da não presença do artístico né, de você não... você tem acesso, alguns, de maneira bem equivocada a uma linguagem artística, mas não uma expressão, não não para experimentar, não para viver. Aí ele nasceu dessa forma [...] (BENETTI, 2016, p.4)

Elisabete nos conta que não adiantava desenvolver um trabalho com a criança se o educador estava distante, o foco devia estar no educador para que ele se sentisse capaz de fazer. Elisabete levanta essa questão, onde muitas vezes o trabalho artístico é desenvolvido para as crianças, o educador encara isso como um momento de descanso, se mantém distante, pois não se identifica, acredita ser “coisa de criança” e quando a profissional que está

desenvolvendo o momento vai embora o trabalho encerra ali, não há continuidade. Além do mais, muitos trabalhos vêm como forma de entretenimento apenas e não de reflexão.

Nesse momento de aproximação Elisabete constatou que a criança acaba por se permitir a alegria, a imaginação, mas o educador já está enrijecido, frio e realiza sua rotina com pouco envolvimento. Esse comportamento põe qualquer espontaneidade da criança, de maneira muitas vezes inconsciente, o educador limita o desenvolvimento só até onde ele seja capaz de compreender.

O objetivo do projeto... ele é muito subjetivo o objetivo (risadas), mas é despertar a vida, é despertar a vida, é mostrar que a vida é um presente e que o presente é um presente. Mas se a gente... Mas para a gente conseguir um objetivo mais claro, de verdade, é contribuir, é servir, sabe, estar a serviço, servir, contribuir, “eu contribuo com o que?” né, sempre há e você tá perto, você percebe isso, você vê que é isso... A gente nunca sai de um encontro é... tranqüilo e satisfeitos com a gente mesmo, a gente sempre sai assim “Você percebeu a pessoa, você viu, você sentiu, o que ela falou, como foi...” Então assim é como se em mim tivesse sempre assim “eu consegui doar algo, eu consegui contribuir, ficou, não, perdi tempo, não fiz direito” é sempre um angústia né, aí será.. Então eu acho que o objetivo do Gente Legal é servir, é servir mesmo, é estar a serviço, né. Porque acho que dizer o despertar da vida fica bem subjetivo (risadas) mas é isso e como a gente faz isso, colocando essa pessoa na roda né, mostrando pra ela que ela é importante, todos que chegam no Gente Legal são importantes, são são... presentes que a vida traz pro movimento, porque cada uma dessas pessoas vai contribuir no no ambiente onde ela estiver né, ela vai fazer melhor pra ela e pra o outro e isso precisa ser assim e isso é um entendimento do teatro, o teatro é esse lugar, todos se unem num único objetivo, pro bem comum, o bem comum no caso é o espetáculo. Então você não pode em cena pensando no seu personagem, ou na sua atuação, você tem que entrar em cena entendendo o conflito, entendendo a história e atuando com comprometimento, distante do seu eu e próximo, muito próximo, da realidade, conflito do personagem, então você tá contribuindo para a história e isso é que a gente busca, tem que contribui o educador, um professor ele tem que contribuir para o todo, ele tem.. Meu Deus, um educador que perde a oportunidade de fazer com que o menino saia instigado, curioso, um menino que chega em casa... Hoje mesmo tive com um menino que falou assim pra mim “ Oh Bete você sabe que o Hitler ele matou... ele só queria gente branca, você sabe?” né então ele tava indignado [...] o educador não pode perder oportunidade de ampliar o entendimento, seja de quem foi, até o próprio entendimento, entender o que o menino pensa pra pra pra fazer um entendimento comum e... então você contribui sempre. Foi linda a conversa porque.. e ele negro né e ele ali “o cara mandou matar todo mundo” e se você não toma cuidado como você faz isso e o educador tem que tá nesse lugar, um lugar de consciência, né. O ator, o teatro me ensinou isso, você não pode ir lá e fazer um personagem de maneira leviana, de fazer... porque que você acha ou porque é bonitinho, não, você tem que ir lá e chegar perto desse ator, muitas vezes esse cara já morreu então você tem que se aproximar das palavras dele, do entendimento dele, ele usou essa palavra porque, qual o conflito, porque o ator disse assim? Eu tenho que saber, porque ele disse, então eu tenho que me aproximar disso, não é o que eu quero, mas o que tem que ser feito, então eu vou lá pra dizer o que o ator escreveu e encontrar em mim espaço pra verdade dele. Não é a minha verdade é a verdade do ator. Então esse é um exercício tremendo pra vida, é muito legal, muito bom. (BENETTI, 2016, p.4,5)

Nesse momento, Elisabete Benetti afirma que a atuação do educador deve ser constante, que ele não pode colocar o seu desejo a frente da necessidade maior. Muitas vezes

por imaturidade o adulto se coloca como o mais importante da relação e ignora a opinião, o desejo o entendimento da criança.

Peter Slade (1978) afirma que “o educador deve trabalhar com a criança onde ela está, não onde o educador gostaria que ela estivesse”. Por mais equivocada que essa criança esteja, o educador deve trabalhar com ela a partir desse equívoco, porque é nessa etapa que ela se encontra e se não tivermos a sensibilidade de “acolher o absurdo” essa criança se intimidará e não se sentirá segura em expor sua opinião, seu sentimento.

Esse é objetivo principal do projeto, ele tem um formato? Não, não tem um formato, né, ele tem uma metodologia? Tem, a metodologia do teatro, né, então é.. nós sempre, em todos os nossos encontros, e todo o nosso movimento ele se orienta com muita disciplina, com muita postura, com tudo que o ator precisa ter e nós usamos essa metodologia, a metodologia do teatro. Que o Grupo Ato ao longo desses anos foi criando sua própria metodologia, porque a gente vai estudando um autor estuda outro e de repente você descobre o seu jeito de fazer, respeitando evidentemente né, esses mestres e tudo mais, mas a gente tem então, tem uma metodologia sim, que é uma metodologia baseada no teatro e que acabamos desenvolvendo a nossa própria, mas que todas as pessoas que se aproximam leigos ou pessoas que estudam e trabalham com o teatro conseguem perfeitamente saber aonde estão e de que nós estamos falando. Que isso também é uma característica nossa, falar de um jeito que se entenda, procurar ter clareza e acessibilidade mesmo “como é que é que cê tá falando” né. E tanto é que na nossa... Agora nesse último momento, no momento atual que a gente vive do Gente Legal, a gente chegou a criar um paralelo né, da estrutura do teatro com o planejamento pedagógico, né e que ficou muito mais simples ainda, a gente chegou em cinco itens, se o teatro tem quarenta a gente chegou em cinco, né. O que é que você precisa fazer pra planejar? Você precisa pensar primeiro no todo, primeiro no todo, primeiro em todo mundo, não dá pra chegar e falar “Vamos fazer tudo azul, porque eu amo azul, aí eu amo azul” não dá né, então a gente tem sim uma metodologia. (BENETTI, 2016, p.7)

Em 2015 e 2016 o projeto Gente Legal atuou em outra frente, houve um trabalho desenvolvido com educadores de 26 projetos sociais com essa mesma metodologia, foi elaborado um material de estudo, onde continha alguns conteúdos e a maneira que o Grupo utiliza para montar seus espetáculos, um planejamento, porém havia a comparação com o planejamento pedagógico por conta da proximidade. Os educadores eram levados a refletir sobre a proximidade do artístico na educação e foram instigados a planejarem de maneira mais consciente e objetiva.

O que motiva o meu trabalho? A vida, né, a vida motiva meu trabalho! Porque é lindo né, é lindo de fazer, é lindo de viver, me emociona (se emocionou), porque é muito legal não é!? É muito legal. É muito legal você ver pessoas se transformando, é muito prazeroso você ver gente percebendo que vale a pena, fazer direito, fazer bem, né, às vezes não é muito agradável, às vezes gera muito sofrimento na gente no outro e tal, mas no momento seguinte tá todo mundo pleno, entendendo porque que que passou a tempestade, né, então é muito, a vida vale muito a pena. E me motiva muito ver esse movimento acontecer no outro, né, então quando eu falo porque eu vou fazer, não porque tem alguém descobrindo agora, porque você vai... Ah mas tá tudo tão difícil... Mas tem um que depende de mim, aquele um tá me esperando, aquele um quer ouvir mais uma palavra minha, aquele um precisa ouvir mais alguma coisa eu posso contribuir, eu posso fazer, às vezes não é nem dizer às vezes é estar,

eu vou “Ah Bete você pode vir? Vou, vou. Ah mas você.. vou, quer que eu vou , eu vou”, porque às vezes é a presença, né. Então, me motiva isso né... é ver que tem gente que ta querendo e tem muita gente querendo, isso é muito legal. (BENETTI, 2016, p.10)

Elisabete é apaixonada por seu trabalho, fala dele com alegria, orgulho, com encanto. Interessante perceber a semelhança de algumas de suas falas com educadores participantes do projeto Gente Legal. Nesse trecho ela falou sobre “apenas estar”, sobre como a presença é importante. Dois educadores também falaram sobre isso, quando questionados sobre a humanização pela arte.

Ah que humaniza, com certeza, depois que eu passei a trabalhar em projeto social e vivenciar o Gente Legal e o Capacita e tudo que eu vivi né, você têm um outro lado, você vê um outro lado mesmo, da educação amorosa, mais sensível, é aprendi a sentar no chão com a criança, olhar no olho de num ficar né só apontando o dedo e gritando[...] às vezes só de você tá do lado de uma criança, de repente uma criança que não quer falar com você, ou que ta brava por algum motivo, ou que é daquele jeito né, aí cê senta do lado dela né, ela não fala nada né, mas só dele ta aí, dele não sair andando né, só de você ta ali dele não sai andando né, só de você ta ali perto dele “oh eu to aqui, quando cê quiser falar comigo, a gente conversa” só que ele não levantou, ele não foi embora[...] às vezes o pouco é suficiente, é isso muito que eu aprendi, sensibilidade[...] de não precisar gritar, antes eu gritava muito eu era muito explosiva[...] cê sai da faculdade né, cê vai trabalhar com criança e faculdade de educação física, querendo ou não, existe um militarismo né e cê sai daquele jeito, cê sai despreparada cê sai né e hoje até minha atuação até com criança fora na academia é diferente, às pessoas vêem que é diferente[...] sou outra pessoa mesmo. (GARCIA, 2016, p.31)

Nesse trecho Fúlvia Goulart, coordenadora de um projeto social diz o quanto tinha dificuldade em ser menos autoritária, como era ríspida e distante das crianças e percebeu nesse movimento como suas atitudes mudaram. Relata que hoje por conta dessa transformação há um respeito maior em sua relação com as crianças e que percebe isso quando a criança não a ignora, não a desrespeita por mais difícil que seja estar junto.

Pra mim quando eu comecei a trabalhar como educador, eu via tipo uma pessoa que tinha que mandar e tinha que impor uma certa postura pra que as crianças olhassem e que as crianças iriam ter temor, ouvir e abaixar a cabeça, entendeu e com o Capacita eu vi que num que não é assim que funciona, porque como a pessoa ta ali no projeto a gente tem a oportunidade de atingir várias áreas da vida dela, então o fato de você sentar, de você conversar, de você tentar descobrir o porquê daquilo que ela fez, porque que ela bateu no colega? Porque ela xingou o colega? Da onde que será que ela ouvindo isso? Da onde tá vindo tudo isso? Analisar realmente a situação, porque antes a gente não tinha essa noção, a gente pegava colocava de castigo “senta aí, fica de castigo” e já era e pra gente a criança tava refletindo no que aconteceu, mas aí a gente viu que não é assim, que é muito mais válido uma conversa que a criança vai saber refletir, você impulsionando ela a refletir com que aconteceu, ou o que ela fez, porque às vezes ela não tem nem noção do que ela fez e mesmo sentado duas horas três horas ela vai conseguir ter noção do que aconteceu, então. Mas é foi essa aproximação[...] às vezes é um dia que a criança ta ca, ta com a tocha mesmo, aconteceu alguma coisa na casa dela, ela num quer nem saber e ela que chutar o balde e tal e às vezes precisa de alguém só pra ela dar uma acalmada, pra ela falar, pra ela chorar, às vezes porque, muitas vezes foi isso, criança que num, é as vezes num, a criança não fala nada só chora aí depois pergunta “Cê ta bem agora? To bem, só precisava disso” (OLIVEIRA, 2016, p.37)

Fabrcio Oliveira conta que quando comeou a trabalhar com crianas e adolescentes, acreditava que s3 consequiria ser respeitado se as crianas tivessem medo dele, que ele tinha ser a pessoa a dar a ultiima palavra, tinha que manter aquela imagem de professor como absoluto, mesmo no tendo essa formao.

Eu sempre trabalhei com... faz cinco anos que trabalho com ensino de danas urbanas pra adolescente e pra crianaa, pra jovem tambm, ai tive a oportunidade de trabalhar isso dentro do projeto, foi quando eu me tornei educador[...] Com o projeto eu ja to a 10 anos, e que eu entrei la e, entrei no projeto como aluno, aprendendo, eu tinha 13 anos, 13 pra 14 anos, ai ai quando eu tinha, quando eu fiz 18 anos eles deram a oportunidade de da aula la em Piratininga, ai eu comecei um projeto la, ai o projeto la deu certo, ai eu consegui trazer o projeto aqui pra Bauru junta a galera aqui de Bauru com a galera do projeto la de Piratininga. (OLIVEIRA, 2016, p.35)

Fabrcio Oliveira no tem formao superior completa, no tem especialidade academica na educao, sua formao e sua experiencia, trabalha ha 13 anos com crianas e adolescentes, sua historia e muito interessante, pois comeou como usuario de um projeto social e hoje atua nesse projeto como educador. O que acontece com frequencia nessa realidade de projeto social e que mesmo no tendo a formao de um professor, o fato de trabalhar com crianaa te coloca em uma posicao de superioridade e em alguns casos, a pessoa passa a acreditar que e de fato superior. O educador percebeu essa quebra com a proximidade do projeto Gente Legal, sente hoje que essa maneira que acreditava ser a correta no funciona e que a crianaa precisa de orientao, de limites, regras, mas que isso pode ser feito de uma outra maneira.

A arte faz com que ele se aproxima ne, porque sempre foi ensinado o que o professor, o educador, e totalmente acima e a crianaa o adolescente abaixo e essa questao de mandar, de voce tem que ficar mandando, a arte traz ao contrario a arte voce vivenciando junto com a crianaa e com adolescente, entao a crianaa no olha voce mais como alguem que e intocavel la em cima, ele te olha como alguem que e acessivel, alguem que ele pode se aproximar, alguem que ele pode conversar[...] o adolescente, a crianaa deixa de lado com as pessoas que ele poderia contar ne as pessoas que poderia ajudar ele e acaba contando com outras pessoas, com adolescentes que no tem nenhuma estrutura. (OLIVEIRA, 2016, p.37)

O educador revela que antes quando havia algum conflito, resolvia isolando a crianaa, acreditando que ela estava refletindo sobre a sua ao. Fabrcio diz que hoje percebe que muitas vezes a crianaa ficava isolada por horas, mas que na verdade, muitas vezes nem sabia porque estava ali, no tinha nenhuma reflexao pois no era instigado a isso. Hoje ele conta que acredita muito mais em uma conversa, em resolver o problema junto e fazer o menino pensar do que simplesmente "se livrar do problema".

Ainda sobre resoluo de conflitos, a educadora Maria Mourao conta que ve que em muitos casos os educadores transformam em problema algo simples, da o valor errado para a

atitude da criança e algo poderia ser uma oportunidade de aprender, pode se tornar em uma situação traumatizante.

Por exemplo quando a criança está fazendo certa atitude perguntar pra ela “porque que ele faz isso do que eu chegar lá e pá. Outro dia aconteceu na sala aconteceu né, a menina tava, ela tava com os crachás dela assim ó (mostrou como se tivesse com o crachá na boca), mas ela não tava estragando ela só tava com o crachá no... aí a educadora chegou e falou assim “você está estragando o crachá, olha o seu tamanho” aí eu fiquei.. aí eu cheguei pra educadora e falei assim pergunta pra ela porque que ela ta com o crachá na boca “mas olha ela tá estragando o crachá” e ela ficou assim ó, paradinha olhando para a educadora, a educadora não perguntou né, mas eu perguntei “fala pra ela porque que você está com o crachá na boca” “é porque eu to brincando de ser cachorro” eu falei ta vendo ela não ta estragando ela é um cachorro, mas ela nem tava estragando. E isso trouxe muito isso “porque que ta fazendo” antes de eu chegar e falar “pá pá pá pá pá” já falar “você ta estragando! Não, ela ta querendo falar alguma coisa né, o que que é né. (MOURÃO, 2016, p.24)

A partir do que a criança traz na brincadeira, no jogo, o educador tem recursos para compreender o que está acontecendo com ela, seus conflitos internos, sua vivência com a família. A ação numa situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação (VIGOTSKI, 1991)

Quando a criança entende que ela assim que ela é entendida, que ela é ouvida chega ela faz assim “Ahh alguém me ouviu, alguém me escutou” e é isso é a arte, é onde entra a arte mesmo, quando você ta lá no relógio, o menino lá queria porque queria contar a história dele, chegar lá no refeitório como é que a gente ia se explicar (MOURÃO, 2016, p. 25)

A educadora nos contou uma história onde ela percebeu o artístico em sua rotina, ela relata que se não usa situações lúdicas, brincadeiras com as crianças acaba por transmitir a elas a afobação da rotina. A história se trata de um momento em que a educadora tinha horário para estar no refeitório com sua turma, mas uma das crianças estava contando sobre o que tinha feito no final de semana. Segundo a educadora seria uma violência interromper a construção do menino para levá-los ao refeitório, “eu não podia fazer isso, ele tava contando que tinha ido ao shopping com sua família e todas as crianças estavam ouvindo, compartilhando da sua história”. Então a educadora propôs um jogo, pediu que todas as crianças imaginassem que a escola tinha se transformado no shopping da história e que eles iriam dar uma volta juntos. Quando chegaram perto do refeitório, a educadora continuou estimulando o imaginário dizendo que ali era a praça de alimentação e que eles iriam lanchar.

Se não usasse a arte ia ficar num caos[...]Pronto! Eles estavam no shopping, então eles levantaram[...] O objetivo é chegar no refeitório sem alvoroço[...] Você precisa muito desse tempo, você tem que tá muito livre, o teatro traz essa consciência né, cê tem que ta muito livre pra isso, porque se você não tiver Laryssa cê não faz isso, você não humaniza, você não encanta, você não afeta, não vai, você entra naquela... naquela rotina “oh silêncio tal que agora é hora.. agora todo mundo em silêncio”,

não sabe. E o Gente Legal trouxe.. ele traz muito assim, quando a gente vai pra roda, nossa, por isso essa permanência assim, de ficar no grupo. (MOURÃO, 2016, p.25)

Maria Mourão que atua na educação infantil, diz que nesse momento todos entraram no jogo e quando chegaram ao refeitório, brincaram de tomar sorvete enquanto o almoço não era servido. Diz ficar encantada em ver como as crianças levam a brincadeira a sério, entram no jogo imediatamente.

A rotina escolar acaba por desrespeitar esse tempo da criança, cabe ao educador encontrar maneiras de não permitir que essa agitação chegue na criança, pois ela está bem, consegue brincar em qualquer ambiente, a ansiedade e insegurança, muitas vezes vem do adulto.

Todo dia é uma história né, a vida da gente é um teatro mesmo né, a gente tem cada.. os conflitos que a gente tem ta resolvendo, ida da gente é um a questão de ta trabalhando no coletivo, no grupo né, então a vida da gente é um teatro mesmo, mas é o real, então como eu vou le dá ali com a realidade, como eu vou resolver esse problema agora? Porque às vezes a gente ta li vendo uma história, um conto de fadas e a gente faz essas conexões[...] Então você nessa ludicidade com as crianças na contação de história, às vezes a gente fala assim “ah uma simples história” você já ta despertando a criança pra tudo aquilo que ela vai encontrar ao seu redor, então quando você começa a fazer essas comparações, essas relações né, aí cê vai “olha essa história aqui é a minha história” (MONDOLO, 2016, p.53)

O inglês Peter Slade afirma que não devemos esquecer que nesses momentos das crianças repartem conosco importantes segredos pessoais; trata-se de uma confissão; elas encontram alívio na nossa amizade que lhes permitem representar, simulando atos ilegais de uma maneira legalizada. (SLADE, 1978)

Eles vão percebendo que tem outras maneiras de se expressar, né, eles estarem ali participando, atuando desse processo e o professor vai aprendendo junto com a criança, porque a criança ela é espontânea, né, então você vai entrando no jogo dele, lá no imaginário, então outro dia eu falei assim, eles estavam muito barulhentos aí falantes né aí eu falei assim “nossa, eu to escutando a fadinha falando aqui no meu ouvido, vocês não estão escutando?” aí começa aquele jogo, aí todo mundo queria escutar a fadinha, aí fui perguntando pra eles e eles contando o que a fadinha tinha falado[...] a criança ela tem uma percepção né, ela vai entrando e vai dando recado pra gente[...] Todos nós temos essa necessidade de estar com o outro[...] então a questão do artístico é isso[...] a arte mostra isso, cada um tem suas particularidades. (MONDOLO, 2016, p.55)

Ainda segundo Slade (1978) “A representação dramática tem um efeito de marcante melhora no comportamento e pode funcionar como uma forma simples de prevenção de neuroses”.

Eu acho que as dinâmicas da Viola que no Gente Legal foi aplicado, eu acho que o desempenho deixar de ser tímido, pra você solucionar problemas sabe, tudo isso te ajuda demais no trabalho, na convivência com a equipe que você participa ou que você lidera, com certeza isso é essencial, isso me ajudou muito[...]Eu era uma pessoa muito rígida, ríspida, não com a equipe de trabalho mas com as crianças, sempre fui muito fácil de trabalhar[...] mas aquela coisa né de superior, você é meu

aluno, você fica quieto, isso aí mudou muito, um exemplo é isso, você saber ouvir a criança, dá importância no problema que ela tá passando[...] ela precisa ser ouvida, isso aí eu aprendi também[...]Quando você trabalha uma linha mais artística você cria um vínculo muito grande com as pessoas que você está trabalhando, com o grupo[...] A gente tem que fazer aquela criança acreditar nela, porque às vezes nem a família acredita, mas é possível sim ensinar através da arte de uma forma geral. (GARCIA, 2016, P.32)

A educadora se refere no começo de sua fala, aos jogos dramáticos vivenciados pelos participantes do projeto Gente Legal.

Quando a gente lia os papéis da Viola e do outro lá, como ele chama? Peter Slade, a gente vê que isso influencia na vida porque tem a parte que você só tá na platéia igual tem muitas vezes que você só tem que assistir só, tem que ouvir e às vezes você tem que atuar, você parte pra ação, fazer algo. Acho que isso é o principal né, porque a questão de você quando você é a platéia na vida você tem que respeitar as pessoas, saber escutar as pessoas, saber que tem um tempo pra você atuar, o tempo de fazer algo e tem o tempo de você atuar. (OLIVEIRA, 2016, p.35)

Os jogos foram eram aplicados nos encontros, a proposta era estimular a experiência para que os educadores pudessem jogar com as crianças. O jogo dramático como já mencionado, tem o foco de colocar o jogador na ação e refletir sobre ela, resolver problemas e perceber suas emoções.

O artístico me leva é... pra um mundo assim, que eu consigo acreditar mais no outro né, consigo acreditar mais em mim mesmo na verdade né, porque acho que quando você acredita em si mesmo você passa a acreditar no outro de uma forma mais clara, né. Acho que como se fosse é...a meta do ser humano é você se perceber internamente mesmo e o artístico leva pra esse movimento né, quando ele dá possibilidade pra você ser o que você é né e não ficar criando outras coisas, é simplesmente você né, o artístico leva pra esse mundo de se perceber, de perceber qualquer ação. (FARIAS, 2016, p. 13)

O relato acima é da coordenadora pedagógica da escola onde a educadora Maria Mourão atua, a escola atende crianças filhos de funcionários de uma empresa e uma comunidade pobre da cidade de Bauru.

Sou atualmente coordenadora pedagógica da escola, mas me considero uma educadora [...] Participo do projeto Gente Legal desde que surgiu, há 8 anos. O que faz eu permanecer, é justamente as práticas inovadoras que tem, acho que isso é um... é como se fosse uma, pra mim assim, é como se fosse um adubo pra minha ação pedagógica, acho que nós estávamos falando né, de tudo tão tradicional, tudo tão comum, então você estar em um projeto que te dê essa base, que te dê esse adubo né, pra você florescer de outras formas, eu acho que é o que faz a diferença e vivenciar assim, acho que o processo que nós passamos do teatro acho que ficou muito forte para mim, porque até então assim, eu ia tentava trazer pra minha prática porém a escola passou por um processo de transição [...] que tava meio perdido assim, eu não tinha ainda me encontrado, eu ia trazia para as práticas porém parece que eu ainda não tinha me percebido internamente, era como se eu é... trouxesse a prática pra fora só, mas ainda não tinha trazido pra dentro de mim e vivenciar o teatro me fez me perceber internamente. Acho que a partir desse... acho que de dois anos pra cá assim, ficou muito intenso ficou muito intenso o projeto Gente Legal. Parece que eu falei “nossa tantas coisas eu vivenciei mas agora”, acho que foi o processo mesmo de tá... concretizou, agora eu sei quem eu sou, onde eu estou, o que eu quero, que foi o movimento que o teatro me levou né, de me perceber internamente e perceber o outro, passar a respeitar o outro né, às vezes também eu

tinha muito de ah... defender o que eu acredito e pronto e deixa o outro. Eu tava muito ali, eu na minha prática no meu mundinho com as crianças. E aí a partir de então, agora não, eu me percebo consigo me perceber mais o outro né, é um processo de reflexão diariamente, acho que eu to nesse processo de atuar, variar, né, volta faz de novo. Acho que o Gente Legal pra mim há dois anos pra cá é como se esse adubo realmente floresceu né, até então tava ali na sementinha e agora pra mim assim eu consigo perceber mais o ser humano, né. (FARIAS, 2016, p.10)

As duas educadoras, tanto a coordenadora pedagógica da escola como a educadora direta, relatam o projeto Gente Legal como uma fonte de alimento, as duas falam isso de maneiras diferentes, sentem que fazer parte do projeto as fortalecem para a prática pedagógica.

O que fez ficar mesmo é essa troca mesmo, essa partilha que a gente tem, esse olhar além[...] Essa sensibilidade mesmo, esse olhar humano mesmo, essa coisa humana mesmo que que.. que é um alimento assim, então quando eu vou pro encontro do Gente Legal é um alimento assim, que você precisa desse alimento, mas que é claro que ta na gente né. (MOURÃO, 2016, p.26)

Por atuarem na mesma escola se empenham para que a metodologia vivenciada no Gente Legal seja incorporada na rotina da escola.

Quando iniciou o ano de 2014 a coordenadora falou que a escola tem um projeto com o pessoal do Gente Legal, então tem os encontros[...] que acontece, então quem quiser participar pode participar, aí eu falei “nossa, então pode ir? Pode participar das rodas?” Aí eu falei “pronto, demorou, vou” Aí pronto e é uma coisa que só me acrescenta assim, é o que eu falo, vai fazendo com que vai me despertando, os encontros, o olhar sensível, a sensibilidade, o quanto a arte é importante, principalmente na educação infantil que a linguagem deles é através da..da arte né, com a criança tudo que que faz é através... quando você a arte com você ali, é o que eu falo, as coisas vai ficando leve, vai ficando muito mais fácil e encantar mesmo né essa fase assim que precisa tanto, é lógico a educação precisa né, mas principalmente com os pequeninhos. (MOURÃO, 2016, p.23)

Jaqueline Farias conta como não é possível vivenciar esse despertar para sensibilidade apenas enquanto educador, segundo ela seu desenvolvimento só aconteceu com mais consistência quando assumiu algumas posturas para a sua vida.

É muito claro assim um educador que ta nesse movimento e um educador que não se encontrou, um educador que ta nesse movimento ele passa estar por inteiro mesmo né, parece que ele entra mesmo no universo e fica, a atuação dele é do começo ao fim e o educador que não ta nesse processo, parece que ele se perde em alguns momentos[...] Eu falo, ai como conduzir as outras pra esse movimento, não conduzir porque acho que ninguém conduz ninguém, como... sei lá, possibilitar que elas se percebam mais, mas até que ponto também quer[...] E eu acho que o teatro assim né, o trabalho artístico é muito além só do seu profissional, porque eu poderia muito bem assim estar só aqui na escola e pra minha vida não né e a partir do teatro mesmo, dessa prática eu falei “gente não, ta tudo errado, é a minha vida né” não é fácil [...] Eu estou muito tranqüila, porque eu parei de estar só no meu mundinho né, só eu estou certa, só eu... então me levou pra outros olhares. (FARIA, 2016, p.11)

Ana Kátia Mondolo, também educadora da educação infantil no município, fala um pouco mais sobre esse comprometimento quando fala dos cursos de formação para professores.

Às vezes você vai em um curso de formação, cê recebe muita coisa, agora se você vai fazer... vai de você, mas você só vai fazer se você vive isso, porque aí dá continuidade “ah eu gosto de yoga” então eu vou fazer yoga porque você já vai ta fazendo alguma coisa para você e vai valorizar o outro[...] e isso não é talento é uma coisa que tem que ser trabalhada, alimentada. (MONDOLO, 2016, p.52)

A educadora afirma que não é possível desenvolver um projeto se você não acredita naquilo verdadeiramente, se não assumi isso para a sua vida “não dá pra fazer de conta”. Em seu relato, ela afirma que o educador só passa a respeitar um trabalho, uma vivência quando isso é de fato incorporado na sua vida e não uma situação isolada. Reforça que a formação é constante e não importa o tempo de experiência que o professor tem, ele tem que se manter no lugar de aprendiz já que as mudanças acontecem frequentemente.

Porque tem a formação acadêmica e tem a formação da.. porque às vezes cê tem a academia mas não tem a vivência[...] nós tamos em constante processo de formação, aí é fala assim “aí to a 24 anos e não sei” aí eu falo “Meu Deus eu tenho que estudar mesmo, num sei nada” to a 24 anos e a gente ta lá estudando, que as coisa mudam né, que nem essa questão do integral, a criança o dia inteiro.. e aí? Aí que precisa de mais afeto ainda, mais de carinho[...] é só o amor[...] tem criança que fala “olha pra mim professora, olha aqui pra mim” e aquele monte de criança e eles querem que olha e hoje é tão difícil olhar né, as pessoas desviam o olhar[...] eu sinto assim que eu incomodo, mas eu to fazendo a diferença[...] eu sinto que as pessoas estão adoecendo por falta de amor. (MONDOLO, 2016, p. 55)

A dificuldade em descobrir sua própria maneira de atuar é um dos desafios encontrados pelos participantes, a resistência em experimentar algo novo.

Uma ação que eu venho exercitando que é umas das práticas do Gente Legal é levar o outro a refletir né, você não é... por exemplo até com a criança ou até na minha atuação na coordenação, é... ao ser questionada de algo ou “aí como eu posso fazer algo”, sempre jogar o questionamento pra pessoa ou pra a criança pra que ela mesma consiga dar essa resposta e esse movimento no Gente Legal pra mim é muito forte, porque lá é...nós que vamos em busca da resposta né, não nos é dado assim um... é tipo a Bete por exemplo “ai Bete poxa como faz isso. Descobre, experimenta” né então acho que isso é muito forte isso eu passe a exercitar tanto com as crianças quanto com as educadoras né, em dizer “que que você acha? Que que é pra você? Tá bom pra você? Então se ta bom pra você, ok” né, acho que o movimento da vida é você realmente... você só vai saber se dá certo ou não se você se jogar, se você experimentar, então isso é uma ação do Gente Legal que me, que é muito forte né você... é esse processo de reflexão diária mesmo[...] O quanto é difícil você transmitir isso a um educador que já está mais fechado, mas eu na medida do possível eu sempre to trazendo mesmo essa mensagem, até mesmo não falando tanto mas vivenciando porque eu acho que quando você mostra na prática né, fica mais claro. Eu acho que todos os educadores tinham que passar por isso, acho muito além de faculdade que às vezes fica só... no que os educadores às vezes passam “eu falo vocês escutam” e fica aquela né... não vai pra pratica então eu acho que é muito superficial, então eu acredito que toda e qualquer faculdade iniciando, todos os educadores tinham que passar por esse processo mesmo de se perceber.. então quem sou eu, onde eu estou, o que que é educar, o que que é ser educador, então eu acho que são muito superficial as práticas, infelizmente as práticas estão muito superficiais né, então eu falo que o Gente Legal nos possibilita mudar nossa visão né. Pra mim é um projeto que jamais eu quero deixa, porque me fortalece[...] vivenciaria tudo de novo (FARIAS, 2016, p.10)

A superficialidade citada pela coordenadora Jaqueline Farias não é uma tarefa fácil de ser superada, pois segundo Paulo Freire (2011) “Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvidas de que a educação deve ser uma prática *imobilizadora e ocultadora* de verdades”.

O que eu sempre falo que é aluno nosso, a gente sempre se junta com outros professores de dança e a gente vê que a arte ela faz falta assim hoje no Brasil, porque os adolescentes, a gente vê uma forma de ensino que ta praticamente falida né, num é... não influencia mais ninguém, tem adolescente, tem jovem que ta parando de estudar com 14 anos 13 anos e a arte traz essa questão do primeiro amor pelo ensino, porque é evidente que você consegue ensinar, você chegar através da arte é uma coisa que é bonita aos olhos do adolescente, do jovem e ele se sente interessado e eu vejo isso, porque a gente vê tanto, a gente já viu já, eu falo a gente porque é eu e minha esposa que trabalha com isso, muitos adolescentes e jovens que tava envolvido no crime ou envolvido em drogas e através da dança a gente conseguiu se chegar a eles e eles conseguiram deixar isso de lado, porque eles preferiram a arte ao invés do que eles tavam escolhendo antes, então na escola isso seria essencial. A gente vê isso porque o Capacita ele... o Projeto Gente Legal já mostra isso, porque no projeto nosso, o modo de atender a criança de você dá atenção pra uma criança, através do teatro, das brincadeiras que tem é um outro tipo. (OLIVEIRA, 2016, p.36)

O educador toca em um ponto polêmico, a falta de encantamento do ensino, a educação que não atinge a criança, o jovem, não aguça sua curiosidade, seu desejo de saber, ele coloca arte, a consciência artística do educador como capaz trazer esse frescor, Slade (1978) diz “Encoraje suas crianças a se interessarem pela vida e pela beleza”

Então eu acho que os gestores tem que ter uma visão sabe, de sair de dentro dos portões do projeto e ir pro bairro, pras escolas que as crianças estudam, pra ter um vínculo família pra ter um vínculo escola e projeto, infelizmente nem todas as escolas pensam assim, algumas escolas tem ciúmes do projeto e fala “ai aquele projeto né” porque as crianças gostam de estar no projeto[...] é só fazer ficar legal né, não é porque é escola que tem ser aquela coisa né, tem tanta escola aí que dá exemplo. Quanto tempo eu participo do projeto Gente Legal? Desde 2010, vai fazer sete anos, desde o começo. Quando era de sábado a cada 15 dias de sábado lá na OAB. Me lembro que eu não queria ir né porque “nossa de sábado eu não vou ganhar nada pra ir lá” e depois que eu fui a primeira vez eu não parei mais de ir[...] me relutei na época, não queria ir não[...] eu já conhecia o trabalho do Grupo Ato pela temporada na OAB, eu ouvia falar mas num... porque em 2008 também eu só trabalhava em academia eu nem sabia o que era projeto social [...] até eu... até fazer entrevista num projeto social eu não sabia ainda como é que funcionava, como era, mas é normal muita gente não sabe, pergunta se é escola, fala que é escola aí a gente fala “não aqui não é escola” “Ahh essa escola, não aqui não é escola” e a gente tenta sair desse padrão escola mesmo. (GARCIA, 2016, p. 32)

Um educador chamado Tião Rocha, fundador do Centro Popular de Cultural e desenvolvimento, localizado no Vale do Jequitinhonha, uma vez em entrevista ao documentário “Quando sinto que já sei”, relatou que as escolas da região do projeto passou a procurá-lo para entender porque as crianças preferiam ir no projeto do que na escola, ele afirma que essa história de que tem sofrer pra aprender é coisa do passado, que a escola pode ser um lugar alegre, prazeroso, bom e agradável, acredita que o professor não dá aula mas

provoca a ação e lá a proposta é fazer tudo que tiver que fazer brincando, estudar, comer, plantar, arrumar, tudo brincando.

É possível ensinar através da arte? Sim. Sem dúvida acho que a arte ela tá... a vida é arte, pra mim é.. é música, é teatro, é você se fantasiar, é você ser você mesmo, é você criar um personagem pra atuar com a criança, eu acho que a vida é arte, com certeza, principalmente no ambiente infantil onde tudo é muito lúdico [...] Quando eu atuava diretamente na sala é...eu atuei um tempo na oficina de inglês e pra que houvesse uma interação pensando que inglês assim na educação infantil tem que ser lúdico mesmo, na verdade tudo na educação infantil tem que ser muito lúdico. E aí eu utilizava de uma personagem que era a “teacher” mesmo, então eu usava peruca, o óculos, aí trazia músicas, instrumentos, nas brincadeira e assim eu via um retorno muito positivo porque pras crianças eu fazia uma vez por semana em cada sala e eles nossa ficavam super na expectativa e eu não era a Jaque eu era a teacher, então eu acho que a partir do momento também que o educador se incorpora no personagem cê deixa de ser a Jaque e passa a vivenciar o personagem, nas atitudes nas falas e isso era muito claro assim pras crianças[...] e eu sempre gostei de utilizar é... recursos pra justamente assim é... caracterizar o momento, então já fui índio, já fui já fiz uma personagem que faz a senhora prevenção pra atuar questões de higiene saúde com as crianças, fica muito mais claro e as crianças percebem assim quando você está atuando de verdade não é simplesmente eu vou me fantasiar e fazer, não, eu atuo com verdade né, então isso pra criança é .. eles interpretam tudo com muita facilidade, né [...] eu não deixava chegar ao ponto deles cansarem do momento, eu sempre buscava inovar, pra que eu tivesse também com uma boa energia né, que eu acho que se o educador está com uma boa energia ele automaticamente passa para a criança, né. (FARIA, 2016, p. 16)

Nesse mesmo documentário Tião Rocha afirma que temos que ter uma outra mirada, aprender a medir o índice de potencial do desenvolvimento humano e parar de medir carência. Essa medição do potencial humano é capacidade que as pessoas de acolhimento, de produzir ninhos.

Por exemplo, no dia a dia né, você tem que se desprender mesmo de você mesmo, você tem que atuar mesmo, a todo momento você tem que atuar, porque eu fico vendo, se você não tiver essa consciência mesmo e entra na escola como Maria mesmo nossa a coisa fica muito difícil né e quando você entra lá “não eu sou educadora, o que que eu quero, quem eu sou, o que que eu quero aqui, qual meu objetivo aqui” então a todo momento a arte ta presente, na hora de conversar com a criança, na hora de um conflito, como resolver esse conflito, sem machucar a criança, sem rebaixar ela, sem humilhar, ouvir, esse ouvir a criança. A todo momento eu me coloco no lugar, a todo momento cê tem que ta se colocando no lugar da criança[...] e nenhum momento eu posso pensar “ah mais a rotina não deixa” sabe isso aí eu trabalho muito... é uma coisa que eu trabalho em mim e a parceira que ta comigo eu falo assim “olha, tudo bem a gente tem uma rotina, mas e a criança fica aonde?” né, então o artístico vem muito disso[...] é isso a arte é essa mesmo, de entrar mesmo no mundo da criança, de ta livre mesmo de você mesmo[...]Quando você começa a trabalhar a sua verdade, muitas coisas você não aceita não concorda e a todo momento, eu venho embora eu[...] o que eu fiz hoje, qual o meu papel hoje eu consegui afetar alguma criança, acolher alguma delas, é toda hora assim, você fica se... seu real envolvimento com a educação, que que você quer com a educação, qual seu papel qual a educação, aonde você quer chegar e esse movimento traz muito isso esse despertar da gente, ahh ainda bem que eu conheci o Gente Legal né e é isso, muita coisa boa, é como eu falei pra você é tudo tão grande. (MOURÃO, 2016, p.25)

A educadora Maria Mourão fala claramente acima seu entendimento sobre teatro para a vida, a arte que vai além do palco, principal alinhamento do projeto Gente Legal.

A troca de experiência era muito rica, porque é... eu trabalhava já no projeto há um ano então eu via, poxa tem esse projeto que faz isso e aí a gente passou a conhecer outros projetos e pegar informações com eles, rolou intercâmbio entre os projetos a gente conheceu o POC o pessoal do POC, aí o pessoal do Raphael Maurício que na época... e aí a gente fez intercâmbio nesse projeto e aí o vínculo foi grande entre um projeto e outro. E depois né, os convites né, a Bete convidou a gente pra montar uma peça de teatro, quando a gente montou a peça do soldadinho de chumbo que aí levou as crianças a apresentar lá no teatro municipal, que foi assim nossa... é a gente fazia o auto de natal já no projeto mas... fora, a gente sai dali e apresentar fora né, aí envolveu uma equipe inteira né, um com música, outro com teatro outro com dança. Aí no ano seguinte convidou as crianças pra participar do “era mais uma vez outra vez” que apresentou lá na concha acústica e os ensaios eram feitos lá no projeto então é... cada ano era uma coisa diferente né, não lembro, é...os educadores foram convidados a atuar né, foi quando eu trabalhei na parte de expressão corporal tal, então cada, cê espera né, eu perguntei pra Bete “e o ano que vem que que vai ser né?”, então poxa e eu falo pra todo mundo, o tamanho do projeto, o que é né e o pessoal fala “nossa existe isso aqui”, nos relatórios eu falo que a Bete o Carlos esse projeto Gente Legal eles se preocupam com o educador né, porque eles estão preocupados com essas crianças, o que elas vão se tornar né, então preparar esses educadores pra que as crianças se tornem crianças mais leves, mais sensíveis e consigam conviver sabe em harmonia[...] Mudou muito o meu, a minha forma de ver a vida, de trabalhar, isso mudou o jeito de ser mesmo, mudou mesmo, que eu falo, a Bete fala me dá até como exemplo, porque eu era muito nervosa, brava, ainda sou, mas o meu jeito de trabalhar mudou bastante. (GARCIA, 2016, p.33)

Fúlvia Goulart, coordenadora de projeto social, assume suas limitações, se vê em processo e reconhece a dificuldade da mudança, porém afirma que acima das dificuldades, das características da personalidade do educador, deve haver o profissionalismo.

Acho que as pessoas precisam descobrir isso, todo mundo tem que viver essa questão artística, porque é uma... começar a valorizar o artístico, artístico é o que a pessoa coloca aquilo que, o que tem de melhor de dentro delas, é a espontaneidade, ela se coloca, ela mostra quem ela é, você dar liberdade né, você dá essa liberdade pra ela ser o que ela quiser ali no artístico[...] precisamos ver o que a gente tem de bom, que é nosso, aquilo que te encanta, que te dá prazer e valorizar isso[...] O projeto veio bem de encontro mesmo com a minha história de infância, que eu tive uma infância que eu brincava no quintal dentro do galinheiro, com a natureza[...] essa questão de trazer a florzinha, essa questão e de ta ali... reverenciando mesmo a natureza, a vida né, a gente ta mesmo ali, aquele amor pela natureza e eu vinha assim com os meus alunos trazendo essa flor pro meio da roda e no começo teve uma inquietação “ai lá vem ela com essas florzinha aí” porque hoje as coisas tão tão assim, que aí uma florzinha[...] Essa questão de cultuar a natureza de ta trabalhando isso com as crianças, a sensibilidade, de ta percebendo o universo, esse ar, a vida mesmo que está ao nosso redor[...] oh essa florzinha aqui ela vem de uma semente, ela vai se desenvolver, vai crescer, vai se reproduzir e vai morrer, é um ciclo e nós que que nós estamos fazendo aqui? Ter essa conversa mesmo com as crianças, de ta ali o tempo todo com elas, porque às vezes a gente fica ali, dá as atividades e deixa ali, tem que ta envolvida com eles ali, fazendo junto mesmo, por isso eu falo que hoje professor não é fácil não, se você for ta junto na brincadeira, ta envolvida é trabalhoso[...] porque daí você vai se conhecendo, vai se percebendo, porque você também foi criança e a gente vai perdendo a referência, a gente vai entrando na rotina, no automático. (MONDOLO, 2016, p.55)

Alguns autores, como Rubem Alves (1999), ressalta a proximidade com a natureza para o desenvolvimento consciente e sensível do homem, questiona o porquê nossas crianças e jovens são educados distantes do ambiente em que vivem, tendo contato com a natureza apenas através dos livros. Segundo o autor temos que ser capazes de fazer nossas crianças a desejarem plantar jardins.

Ao serem questionados sobre o contato que os educadores tinham com o teatro antes de se envolverem com o projeto Gente Legal, houve os seguintes depoimentos:

Nossa até ri... Então meu contato com o teatro digamos que era zero. Meus pais sempre foram muito dedicados a nós, nunca deixaram faltar nada. Amor, atenção, tudo o que precisávamos para uma boa educação. Porém infelizmente, por não terem o contato com o meio cultural, não nos oportunizava conhecer e assim cresci, não tinha interesse, nem sei se essa é a palavra certa, mas pelo fato de trabalhar desde cedo, nem fazia idéia do que era teatro. Fui ter o primeiro contato no Gente Legal mesmo, daí em diante sempre que posso, SESC, Teatro Municipal entraram no meu universo. Posso dizer também, que sem muitos conhecimentos, técnicas as crianças oportunizam estar em um palco, pois desde que entre na escola, sempre gostei de criar personagens e contar histórias. E o mais legal, levando até a igreja a qual eu participo. Ah detalhe, nas apresentações da Ciranda e o Dom meu pai foi por duas vezes e minha mãe uma. Por isso que amo tudo isso. (FARIAS, 2016, p. 14)

Eu não tinha assim, eu não lembro assim mesmo de frequentar o teatro, nem o teatro, o cinema muita assim pouca vezes assim, mas eu fiquei pensando “nossa gente, que lindo que é o teatro, quanta coisa né a gente perde” e eu fico pensando, quanta coisa legal o Grupo Ato faz né faz né por essas instituições, ta levando né, pras crianças ter acesso a arte. Mas assim contato assim não, não tinha antes[...] Nossa quanta coisa assim eu queria falar do projeto Gente Legal, mas eu falo assim que... pra nós assim que trabalha com educação esse projeto veio pra ajudar mesmo o educador a sempre ta se perguntando mesmo “nossa, onde eu posso melhor? Como eu posso fazer?” é isso, o Gente Legal ele traz um depertar muito grande para o educador, um olhar, uma sensibilidade, desenvolve assim.. eu sempre quando eu vou nos encontros eu me pergunto assim onde eu posso melhorando mais, com as trocas, esse... essa oportunidade da gente ta trocando olhares sensíveis né e é isso o Gente Legal é tudo de bom, pra mim só me acrescenta (MOURÃO, 2016, p. 26)

Para finalizar as entrevistas, foi questionado se havia algo a acrescentar sobre o projeto que ainda não havia sido mencionado.

O projeto Gente Legal foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, foi, melhor coisa (ficou emocionada), nossa, um grupo que vem fortalecendo porque a gente começou, pequeninha, eram poucas pessoas né e daí? Aquela.. vai crescendo, vai crescendo, vai se fortalecendo né, tem né aquela rotatividade né, tem aquelas... as coisas da vida, mas o grupo ta ali né ali resistindo e ampliando e ta crescendo e tem que crescer cada vez mais né, porque é isso que nós estamos precisando né, essa.. compartilhar mesmo, compartilhava. Essa questão da biodança né, essa questão da música a gente muitas vezes pagava né, o grupo Gente Legal é assim “não, você sabe vem aqui mostrar o que você sabe” Porque nós não podemos guardar né[...] então essa ciranda aí da Bete o Gente Legal então vamo trazer pra fortalecer, porque tem que continuar eterno, tem que continuar, tem que continuar, e eu vou continuar enquanto eu puder, eu vou continuar[...] quando você começa a ser gente legal cê começa a se libertar de umas coisas assim que às vezes te amarrava, te amarra, aí você não agüenta ficar amarrada[...] então é uma luta, é uma luta (MONDOLO 2016, p.56)

Que não acabe, esse ano é uma visão voltada de workshop “não vamo trazer pessoas conceituadas pra passar né, informações, vivências” e isso só fortaleceu mais o objetivo que a gente tem né, de trabalhar desse jeito aonde a gente for[...] é um projeto único, que não existe em outro lugar, acho que eu e outras participantes é privilegiada mesmo, tenho muito orgulho de fazer parte de tudo isso. (GARCIA, 2016, p.33)

As entrevistas foram realizadas com cinco educadores participantes do projeto Gente Legal e com a idealizadora/coordenadora do projeto. Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente e foi autorizado a divulgação das identidades dos entrevistados.

6 – Análise dos dados pesquisados

Segundo foi relatado na entrevista de Elisabete Benetti, idealizadora/coordenadora do projeto Gente Legal, sua formação como atriz aconteceu através de sua experiência, pois na época que tirou seu registro de atriz não havia cursos acadêmicos de teatro, a formação era comprovado pela experiência, essa informação vai de encontro com a metodologia do projeto Gente Legal, pois não há nenhuma restrição em relação a formação para a participação, a única exigência é o compromisso de compartilhar suas experiências com os demais educadores e colocar em prática as vivencias do projeto.

Em uma conversa não gravada Elisabete Benetti ela destaca as principais dificuldades enfrentadas nessa trajetória do projeto Gente Legal e afirma que a primeiro grande obstáculo foi em relação ao preconceito com o artista, muitos se aproximam do movimento de maneira descomprometida por esse motivo, relacionam o movimento artístico a libertinagem, custam a compreender que há um compromisso ético social na proposta e que o trabalho é desenvolvido com seriedade.

Também por se tratar de uma proposta que tem como metodologia conceitos teatrais e prioriza a transformação do ser, não há investimento público, não interesse em investir em um movimento que tem como objetivo tornar o sujeito mais consciente de suas escolhas, não há um olhar para o desenvolvimento humano, pois segundo Elisabete uma pessoa consciente não vai consumir tanto, não aceita tudo que lhe é imposto e faz escolhas mais maduras e isso não é interessante ao sistema capitalista que vivemos.

Outro ponto é o fato de se tratar de um movimento que oportuniza o auto-conhecimento através da arte e esse processo nem sempre é tranquilo, agradável, por isso segundo Elisabete há rejeições, não pela ideologia do projeto, mas por se tratar de um projeto que questiona padrões, conceitos e posturas.

A partir desse ponto a análise será dividida em eixos temáticos para maior entendimento das ações e percepções apontadas pelos educadores.

A escolha em ser educador

Esse movimento de contribuição é bastante exigente, um dos maiores desafios do projeto. Em uma das entrevistas, Fúlvia Garcia, coordenadora de um projeto social, diz que quando foi proposto a participação na instituição em que trabalha para todos os educadores do

projeto, ela na época educadora social, resistiu, achou muito exigente tem que ir em encontros de sábado sem haver nenhuma remuneração.

Infelizmente em muitos casos, o educador busca um curso de formação, de aperfeiçoamento, uma nova graduação ou pós-graduação, para um benefício pessoal apenas, os cursos que não oferecem um certificado, por exemplo, não são os com maiores números de participantes. É uma cultura muito presente nas escolas, a busca pela formação continuada estar baseada nos benefícios financeiros que irá resultar, mas é sempre justo ressaltar as exceções, por exemplo, é o caso da educadora Ana Kátia Mondolo que nos cedeu à entrevista, ela relata que está a 24 anos na educação e percebe que há muito o que aprender, em sua fala ela diz “To a 24 anos e não sei nada, meu Deus tenho que estudar mesmo”.

A educadora citada acima, Ana Kátia Mondolo, é um exemplo de amor pela profissão, fala com emoção. Há em seu depoimento um envolvimento que é sentido por quem está ouvindo, fala das dificuldades, das dores com indignação por desejar mudança, conta casos do dia a dia com brilho no olhar, gesticulando, imitando vozes, cantando músicas. Sabe da sua responsabilidade enquanto educadora. Uma educadora que há 24 anos busca desenvolver um trabalho afetivo e consciente, mas que durante anos foi sufocada pelo sistema.

A consciência do educador em se reconhecer em processo e percepção dos “pequenos” avanços.

O fato de se comprometer a estar nos encontros não foi uma dificuldade apenas relatada pela Fúlvia Garcia, na entrevista da Elisabete Benetti ela conta que via no início dessa caminhada muitas pessoas com o mesmo ideal, se identificando com a ideologia, mas ainda muito enroladas em suas vidas, em seus compromissos pessoais e acabavam não se vinculando por isso.

Fúlvia Garcia está no projeto Gente Legal há sete anos, entrou no início com todas as suas dificuldades e não saiu mais, pois percebeu que esse movimento seria um apoio a sua prática pedagógica e sua vida pessoal também. Ela conta como se relacionava com as crianças de maneira ríspida, disse que convivia muito bem com seus colegas de trabalho, mas o tratamento com as crianças era de superioridade. Conta que por ter cursando educação física, vinha já da faculdade com um militarismo existente no curso e pelas inseguranças do início em trabalhar com as crianças se mantinha nessa posição autoritária e rígida.

Atribui à mudança de postura ao projeto Gente Legal, relata que antes desse envolvimento com o projeto não via o problema da criança como algo importante, não sentava no chão com a criança, ficando na mesma altura dela para se olharem nos olhos. Diz que sente que essas crianças precisam acreditar nelas e que ela enquanto educadora tem o compromisso de ajudar nesse processo. Por isso o uso da palavra pequena entre aspas, essas mudanças de posturas relatadas pelos educadores se refletem em sua vida como um todo.

Viviane Mosé (2014), autora citada neste trabalho, afirma que o aprender deve estar ligado ao criar, mas a expressão criadora não é encarada como fundamental, mas ainda como mera distração. Enquanto Elisabete Benetti afirma que a inexistência do artístico, da expressão artística distancia o educador da sua própria criança, o educador se esquece como é ser criança, em outras palavras, a inexistência do artístico resulta na reprodução de padrões desumanos, padrões que incentivam a alienação, a falta de cuidado e as relações desgastadas e superficiais.

O impacto da formação

Sobre a superficialidade, Jaqueline de Farias chama a atenção, ela como coordenadora de uma escola tem um olhar mais global para a situação, percebe que há pouco envolvimento dos educadores no relacionamento com as crianças. Paulo Freire (1999) diz “não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição”. Por atuar em uma escola onde há educadoras que participam do projeto Gente Legal e outras que não participam, Jaqueline diz que percebe a diferença na postura dos educadores, diz que aquelas participam do movimento tem uma entrega maior, atuam com começo meio e fim, enquanto outros educadores que ainda não se encontraram, se perdem na prática, palavras de Jaqueline.

Jaqueline Farias acredita que essa superficialidade, esse pouco envolvimento por parte de alguns educadores está ligado à formação, afirmando que há pouca prática nos cursos, de maneira que acaba por limitar o repertório do educador. Elisabete Benetti também fala de sua formação e conta que cursou pedagogia pelo ensino a distancia e segundo ela teve a sorte de se deparar com um curso que ia de encontro a sua necessidade e fundamentava suas ações enquanto atriz.

Segundo depoimentos, Elisabete conta que ao se aproximar das crianças no início do projeto Gente Legal, juntamente com outra estudante de pedagogia, perceberam que apesar de

muitas vezes essas crianças se encontrarem em situações de vulnerabilidade, elas encontravam maneiras de ficarem bem, elas tem a capacidade de manter viva a possibilidade para o novo e encontram caminhos para viver com mais leveza e alegria, independente da condição, diferente do adulto. Segundo ela, a criança tem que cravar uma batalha diária com o adulto que não se permite e reproduz esse comportamento com a criança.

Uma das autoras estudada, Viola Spolin, afirma que caímos em um sistema de aprovação e desaprovação que aprisiona o indivíduo o que resulta em comportamentos “toleráveis” pela sociedade, essa teoria confirma a constatação feita por Elisabete Benetti, onde percebe o adulto preso a padrões de comportamento que o mantém em um estado de passividade extremo, se tornando indiferente às situações do cotidiano.

O objetivo do projeto segundo Elisabete é o despertar para a vida, para o presente, é a contribuição para o todo. Ao analisarmos os depoimentos dos participantes do projeto, todos falam em aprender, ou melhor, em desaprender algo que já estava incorporado em sua prática, o que exigiu uma reflexão sobre suas ações e um impulso buscar novas maneiras de atuar.

Auto-Avaliação e a possibilidade para uma nova atuação a partir da participação no projeto Gente Legal

Essa mudança de posturas é algo que exige do educador uma auto-avaliação constante e muitas vezes, causa um desconforto extremo. O ranço do autoritarismo, aprendido como algo saudável, é ainda muito presente, o educador Fabrício Oliveira, por exemplo, conta que quando começou seu trabalho com as crianças e adolescentes foi orientado a manter uma certa distância, acreditava que um bom professor é aquele que desperta o medo nas crianças.

Fabrício Oliveira é educador social, atua em um projeto social da cidade e não tem formação pedagógica, chama a atenção por contar com muita sinceridade sua experiência. Em alguns momentos do seu relato, ele utiliza o termo “aluno” e se corrige. Quando nos referimos a projeto social, existe uma exigência pelo órgão que coordena esse serviço de não se referir a criança como aluno, pois o projeto social não pode ser confundido com escola e isso ainda é muito comum, como ressaltado por Fúlvia Garcia. O projeto social tem como principal objetivo o fortalecimento de vínculo, a nomenclatura exigida pelo órgão é usuário.

O educador ainda conta como resolvia os conflitos vividos pelas crianças, segundo ele, quando duas crianças brigavam, por exemplo, sua única atitude era de separá-los, deixava as

crianças de castigo, pensando no que tinham feito. Segundo ele, hoje por conta do seu envolvimento com o projeto Gente Legal, percebe que muitas vezes a criança não tem consciência do que fez e deixá-lo de castigo pensando sem nenhum estímulo para essa reflexão, não fazia nenhum efeito. Conta que atualmente vê mais resultado quando conversa com os envolvidos em conflitos sobre o ocorrido e os auxilia na compreensão do que aconteceu, trazendo assim consciência para a ação. Isso exige dele mais paciência, tempo e respeito.

Sobre o tempo, a educadora Maria Mourão também relata como tem que administrar os conflitos em relação ao tempo. Quem já esteve em uma escola sabe quão fragmentado é o tempo, como se dividi a rotina e quão angustiante é conseguir conciliar as atividades com a rotina imposta, principalmente na educação infantil, pois quando são crianças mais velhas, no ensino fundamental, por exemplo, já estão moldados no sistema e acabam por seguir o fluxo.

Maria Mourão relata uma situação em que usou a arte, a brincadeira para conseguir levar as crianças para o refeitório e cumprir os horários determinados sem que as crianças sentissem algum tipo de agitação e se desestabilizassem. Esse tempo deve ser percebido pelo educador, segundo ela isso exige envolvimento de maneira que a tensão do cumprimento dos horários fragmentados, não atinja as crianças.

Segundo Peter Slade (1978) o jogo dramático é uma forma de expelir, cuspir fora, podendo ser transformada, paulatinamente, em histórias de caráter mais aceitáveis, se o critério adulto for livre de preconceito. Pode-se usar os jogos para anteceder uma atividade, para finalizar, para resolver um conflito, para evidenciar uma situação, o jogo deve ser usado como um instrumento pedagógico.

Jaqueline Farias fala que um dos motivos que a mantém no projeto Gente Legal são as práticas inovadoras, Elisabete Benetti afirmou em conversa não gravada que nada do que é proposto no projeto é novo, muito pelo contrário, é um resgate da simplicidade, a diferença é a maneira como é feito, um exemplo é a roda, todos já estiveram em uma roda um dia, porém no projeto Gente Legal existe um entendimento sobre a ação, os participantes são incentivados a refletir sobre isso e chegam a conclusões como: a roda é o lugar onde todos se vêem, onde existe um único foco, lugar de igualdade. Assim como a dança circular, é um movimento milenar e que também faz parte da rotina do projeto, mas há um entendimento em torno desse movimento.

Os educadores entrevistados falam que o projeto Gente Legal funciona como um alimento, um apoio, uma parceria, pode-se considerar como uma formação continuada, porém os relatos afirmam que essa formação estimula e orienta o indivíduo não só enquanto educador, mas enquanto ser humano, os participantes se beneficiam disso para a sua vida por isso o interesse em estar. Ana Kátia Mondolo fala essa questão com bastante propriedade, coloca que quando você participa de uma formação isso tem que fazer parte da sua vida.

Algumas falas ainda se referem à linguagem artística, ao desenvolvimento da linguagem como música, dança, teatro, apresentações, Elisabete Benetti coloca que o projeto não tem o foco de trabalhar uma linguagem artística, mas sim a expressão artística, o projeto utiliza do teatro para possibilitar essa experiência, mas a essência não é transformar ninguém em ator, não, é possibilitar que o educador se conheça um pouco melhor e se permita artístico. Uma possibilita para esses educadores entrem em contato com a sensibilidade existente em si e a partir daí há um desenvolvimento artístico.

O acesso a arte e a criação de novos hábitos

O que geralmente chega para as pessoas são linguagens artísticas, poucas são as oportunidades de refletir sobre a arte, de experimentar e perceber como isso influencia na vida. Alguns educadores entrevistados, quando perguntado se antes da aproximação com projeto Gente Legal havia algum contato com o teatro, se assistiam espetáculos, se freqüentavam o teatro, revelaram que nunca tinham ido ao teatro. Jaqueline Farias diz que achava que não tinha interesse por esse assunto, mas na verdade não era falta de interesse, era falta de oportunidade. Hoje ela conta que espaços como SESC e Teatro Municipal passaram a fazer parte do seu universo, ou seja, esse movimento despertou nela um interesse desconhecido, a fez perceber que espaços culturais são espaços de todos e trouxe a segurança necessária para passar a freqüentar espaços ainda distantes da sua realidade.

Se não há estímulo, entendimento, não há interesse. Ir ao um teatro, a uma exposição, uma instalação, sem que haja uma preparação para isso, um entendimento do que se trata aquele espaço, pode causar o desinteresse, pode causar estranheza e até a sensação de que aquele universo não é para todos. Viola Spolin diz que ser artista não é uma questão de talento, mas sim a capacidade de experimentar de se lançar ao novo e ainda, “A aproximação ao universo artístico independe da origem ou vocação” (SPOLIN, 1963) essa afirmação coroa a experiência relatada por Jaqueline Farias e sintetiza o projeto Gente Legal.

Diante dos relatos e fundamentação teórica, pudemos relacionar os objetivos que alinham o projeto às percepções dos educadores envolvidos. Pôde-se verificar a proposta do projeto na prática, de maneira que os relatos apresentaram as dificuldades e benefícios do projeto Gente Legal. Os educadores apontaram mais pontos positivos do que negativo, um processo natural já que fazem parte do movimento, conseguem perceber mais as evoluções e conquistas do que a resistências e dificuldades processo.

Outro aspecto percebido na análise foi à relação entre os desafios na elaboração e início deste movimento com a resistência na participação dos educadores. A idealizadora/coordenadora Elisabete Benetti, conta a complexidade que foi em agrupar essas pessoas, já que percebia um foco ainda muito individual presente em suas vidas. Os participantes nos depoimentos confirmam essa dificuldade quando diz que é muito exigente ir aos encontros, pois exige um desprendimento às necessidades individuais. Segundo Elisabete esse comprometimento caracteriza o projeto. Portanto, foi de extrema relevância direcionar o estudo à análise das percepções e entendimentos revelada pelos entrevistados.

7 – Considerações finais

Este trabalho teve como principal objetivo investigar como a sensibilidade artística interfere na ação pedagógica, desperta a possibilidade de uma educação afetiva e autônoma. Como o educador transforma a si mesmo quando se permite experimentar a arte resgatando sua própria humanidade.

O estudo mostrou que há uma mudança significativa na atuação dos educadores que fazem parte do projeto Gente Legal, pudemos investigar que tais educadores buscam uma consciência na sua prática pedagógica e adquiriu um senso de auto-avaliação.

Outra percepção proporcionada por essa investigação foi referente à formação, o estudo apontou a influência da formação nas dificuldades enfrentadas pelo educador, de maneira que há uma relação com seu comportamento na ação pedagógica. Os entrevistados expressaram esse sentimento quando colocam a escassez da prática vivenciada em suas formações e a falta de apoio e encorajamento. Os participantes encaram o projeto como forma de fortalecimento e impulso para a prática pedagógica e acabam por se conectarem com habilidades adormecidas.

O foco da formação, muitas vezes, ainda está pautado na continuidade do trabalho acadêmico, há um direcionamento para a área de pesquisa, mas há um déficit na formação de educador para a prática. Os educadores, inseguros com o início da profissão, se apegam em demasiadas teorias, mas não conseguem desenvolver um trabalho próprio, autêntico e humano, se fecham às percepções empíricas e o trabalho passa a ser um peso, os educadores citaram essa dificuldade quando entrevistados.

O projeto Gente Legal, surgiu pelo fato de Elisabete Benetti perceber essa dificuldade do educador, por vê-lo distante da beleza da infância e fechado em sua rotina. O estudo identificou a força que um movimento baseado na expressão artística tem quando incorporado no cotidiano, como a arte pode tornar o indivíduo sensível à vida, sensível ao outro.

Segundo Peter Slade (1978) “a representação dramática tem um efeito de marcante melhora no comportamento e pode funcionar como uma forma de prevenção de neuroses”. O estudo feito por esse autor, revela que a partir do jogo dramático, da brincadeira do faz de conta, da espontaneidade nos relacionamos melhor com nossos conflitos emocionais, temos condições de entrar em contato com a dor, resultando numa maior compreensão de si mesmo e conseqüentemente na construção da convivência com o outro.

Citar tais autores expandiu o entendimento, instigou a pesquisa e despertou um desejo de aprofundamento nas obras desses mestres. Autores que são considerados “românticos demais”, mas que através da poesia denunciam uma realidade que só os poetas são capazes de tornar possível encarar.

“Primeiro os homens sonham com navegar. Depois aprendem com navegar” (ALVES, 1999). Tais autores foram selecionados por fazerem sonhar primeiro, depois nos mostra possíveis caminhos para a concretização desse sonho. A educação pode fazer sonhar, a universidade deve nos encantar pela profissão para depois nos aproximar das feiúras da realidade, como diria Rubem Alves.

Sobre a metodologia, no processo de entrevistas, houve uma dificuldade na compreensão de algumas perguntas, o questionário poderia ter sido elaborado com mais simplicidade, mais objetivo, de maneira a ser compreendido por todos, mas essa percepção também é aprendido.

A proposta do projeto Gente Legal é o desenvolvimento humano através da sensibilização artística, educadores permitir-se envolver-se com a arte, a ponto de modificar seu olhar como educador, se libertando do autoritarismo.

Viola Spolin (1963) afirma que “a crítica do educador em termos de aprovação/desaprovação pode se tornar mais importante que o aprendizado”, o educador que usa do autoritarismo para obter a obediência dos alunos, muitas vezes, não percebe que o aprendizado não está fazendo parte da relação, de maneira que o cumprimento das tarefas está baseado no medo.

O projeto Gente Legal utiliza a arte como ferramenta de acesso ao autoconhecimento, na busca por uma relação honesta com os alunos. “A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos *silenciados*, mas no alvoroço dos *inquietaos*, na dúvida que instiga, na esperança que desperta” (FERIRE, 2011).

Conclusão importante desta pesquisa foi que a proposta do projeto Gente Legal em trabalhar o teatro para além do palco, o teatro que auxilia e orienta o indivíduo para a ação social e aproxima o educador de ações mais conscientes é encarada pelo educador como um apoio ao seu desenvolvimento. O educador se reconhece aprendiz e supera a insegurança de não saber.

O projeto Gente Legal busca fortalecer o educador para que ele seja capaz de contribuir no seu ambiente de atuação, que se sinta encorajado e se envolva afetivamente com sua profissão. Paulo Freire (1999) um dos maiores aprendizes do nosso país, um homem de extrema sensibilidade afirma que “programados para aprender e impossibilitados de viver se a referência de uma amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”.

Essas considerações reforçam o princípio da pesquisa e comprovam os benefícios do recurso artístico quando incorporado na prática pedagógica do educador.

Referências

- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- ALVES, Rubem. *Rubem Alves: a arte de produzir fome*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>> Acesso em: 25 de agosto de 2016
- _____. *A alegria de ensinar*. Indaiatuba/SP: ARS Poética, 1994.
- BENETTI, Elisabete. Documentos pessoais sobre o projeto Gente Legal. Bauru/SP, mimeo, 2009.
- BENETTI, Elisabete. Documentos pessoais sobre o projeto Gente Legal. Bauru/SP, mimeo, 2016.
- BENETTI, Elisabete. Idealizadora e coordenadora do projeto Gente Legal. Entrevista gravada em 02 de outubro de 2016. A íntegra da entrevista encontra-se arquivada com a autora do presente trabalho.
- BOAL, Augusto. *Encontro marcado com a arte: Augusto Boal*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=03kIL8GhIpw>> Acesso em: 26 de agosto de 2016.
- BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- CORTELLA, Mário Sérgio. *Qual tua obra*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bzHI9yLT3M8>> Acesso em: 09 de setembro de 2016.
- DIA DAS CRIANÇAS TEM VÁRIAS ATRAÇÕES NO CENTRO OESTE PAULISTA. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2014/10/dia-das-criancas-tem-varias-atracoes-no-centro-oeste-paulista.html>> Acesso em: 15 de setembro de 2016.
- DOMINGUEZ, José Antonio. *Teatro e educação*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1978.
- ELIAS, Marisa Del Cioppo. *Pedagogia Freinet: Teoria e prática*. Campinas/SP: Papirus, 1996
- FARIAS, Jaqueline de. Coordenadora pedagógica participante do projeto Gente Legal. Entrevista gravada em 05 de outubro de 2016. A íntegra da entrevista encontra-se arquivada com a autora do presente trabalho.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011
- _____. *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: Cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Paulo Freire: educar para transformar*. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/biografia/01_biografia_infancia.html> Acesso em: 12 de agosto de 2016.

GARCIA, Fúlvia Negli Goulart. Coordenadora social participante do projeto Gente Legal. Entrevista gravada em 21 de novembro de 2016. A íntegra da entrevista encontra-se arquivada com a autora do presente trabalho.

GRUPO ATO. *Espetáculos*: A canção de Assis. Disponível em:
<<http://www.grupoato.com.br/a-cancao-de-assis>> Acesso em: 22 de setembro de 2016a.

GRUPO ATO. *Espetáculos*: A Ciranda e o Dom. Disponível em:
<<http://www.grupoato.com.br/a-ciranda-e-o-dom>> Acesso em: 22 de setembro de 2016g.

GRUPO ATO. *Espetáculos*: A farsa do anjo da asa quebrada. Disponível em:
<<http://www.grupoato.com.br/a-farsa-do-anjo-da-asa-quebrada>> Acesso em: 22 de setembro de 2016h.

GRUPO ATO. *Espetáculos*: A lenda do vale da lua. Disponível em:
<<http://www.grupoato.com.br/a-lenda-do-vale-da-lua>> Acesso em: 22 de setembro de 2016d.

GRUPO ATO. *Espetáculos*: Alice no país das maravilhas. Disponível em:
<<http://www.grupoato.com.br/alice-no-pais-das-maravilhas>> Acesso em: 22 de setembro de 2016b.

GRUPO ATO. *Espetáculos*: Era mais uma vez outra vez. Disponível em:
<<http://www.grupoato.com.br/era-mais-uma-vez-outra-vez>> Acesso em: 22 de setembro de 2016c.

GRUPO ATO. *Espetáculos*: Habitante do sonho. Disponível em:
<<http://www.grupoato.com.br/habitante-do-sonho>> Acesso em: 23 de setembro de 2016f.

GRUPO ATO. *Espetáculos*: O dia em que o medo virou música. Disponível em:
<<http://www.grupoato.com.br/o-dia-em-que-o-medo-virou-musica>> Acesso em: 23 de setembro de 2016e.

GRUPO ATO. *Espetáculos*: O que os olhos vêem o coração sente. Disponível em:
<<http://www.grupoato.com.br/copia-o-moco-que-casou-com-uma-jara>> Acesso em: 23 de setembro de 2016i.

MONDOLO, Ana Kátia Brasil Castor. Educadora da educação infantil participante do projeto Gente Legal. Entrevista gravada em 22 de novembro de 2016. A íntegra da entrevista encontra-se arquivada com a autora do presente trabalho.

MOSÉ, Viviane. *A escola e os desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MOURÃO, Maria de Jesus Lopes. Educadora da educação infantil participante do projeto Gente Legal. Entrevista gravada em 21 de outubro de 2016. A íntegra da entrevista encontra-se arquivada com a autora do presente trabalho.

OLIVEIRA, Fabrício Ricardo Maldonado de. Educador social participante do projeto Gente Legal. Entrevista gravada em 05 de novembro de 2016. A íntegra da entrevista encontra-se arquivada com a autora do presente trabalho.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento um processo histórico*. São Paulo: Scipione, 1995.

SLADE, Peter. *O jogo dramático infantil*. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLLIN, Viola. *A improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1963.

STANISLAVSKI, Constantin. *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TEODORO, Wagner. *25 anos de atitude*: Grupo Ato comemora 25 anos de trajetória com encenação da peça *Habitante do Sonho* na OAB. Disponível em:
<<http://www.jcnet.com.br/Cultura/2014/08/25-anos-de-atitude.html><http://super.abril.com.br/saude/25-anos-de-aids/>> Acesso em 15 de setembro de 2016.

Apêndice1

Roteiro da entrevista qualitativa para educadores participantes do projeto Gente Legal.

- 1 – Qual seu nome e faixa etária?
- 2 – Qual a sua formação? Faculdade pública ou privada?
- 2 – Em que escola você atua, qual sua função e a quanto tempo você tem de atuação?
- 3 – Há quanto tempo participa do projeto Gente Legal?
- 3 – Como foi que você se aproximou do projeto?
- 4 – O que te fez permanecer no projeto?
- 5 – Levando em conta que o projeto busca um entendimento artístico, qual relação que essa experiência tem com a sua atuação como educadora?
- 6 – O projeto aqui desenvolvido busca investigar como a arte humaniza e sensibiliza a atuação pedagógica, o que você diria sobre isso.
- 7 – O grupo tem como fio condutor o teatro para a vida, você seria capaz de descrever como isso acontece?
- 8 – Nos conte uma situação em que você percebeu uma mudança de postura na prática que você atribui ao seu envolvimento com o projeto Gente Legal?
- 9 – É possível ensinar através da arte, do teatro?
- 10 – Qual era seu contato com o teatro antes de participar do projeto Gente Legal? Com qual frequência frequentava o teatro?
- 11 – Além do que conversamos, há mais alguma coisa que você gostaria de dizer sobre o projeto Gente Legal?

Apêndice 2

Roteiro da entrevista qualitativa para a coordenadora do projeto Gente Legal.

- 1 – Qual seu nome e idade?
- 2 – Qual sua formação?
- 3 – Há quanto tempo você trabalha com o teatro?
- 4 – Porque escolheu o teatro?
- 5 – Há quanto tempo o Grupo Ato atua?
- 6 – Teatro com o foco de atuação para a vida! Fale um pouco sobre esse entendimento.
- 7 – Onde você percebeu a relação entre teatro e educação?
- 8 – Porque o projeto Gente Legal existe e como ele nasceu?
- 9 – Qual o principal objetivo do projeto? Ele tem um formato, uma metodologia?
- 10 – O que motiva seu trabalho?
- 11 – Além do que conversamos, há mais alguma coisa que você gostaria de dizer sobre o tema?